



Universidade de Brasília  
Ministério da Educação  
Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares  
Centro de Formação Continuada de Professores  
Secretaria de Educação do Distrito Federal  
Escola de Aperfeiçoamento de Profissionais da Educação  
Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica

## **REDES SOCIAIS E EDUCAÇÃO**

**Um estudo sobre as negociações de sentidos da disciplina de Sociologia feitas por alunos e alunas do Ensino Médio em suas interações no Facebook.**

**Rachel Lenir Otoni Sampaio**

Professora-orientadora: Cristina Azra Barrenechea  
Professor monitor-orientador: Leandro Gabriel dos Santos

Brasília (DF), Maio de 2013.

**Rachel Lenir Otoni Sampaio**

## **REDES SOCIAIS E EDUCAÇÃO**

**Um estudo sobre as negociações de sentidos da disciplina de Sociologia feitas por alunos e alunas do Ensino Médio em suas interações no Facebook.**

Monografia apresentada para a banca examinadora do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica como exigência parcial para a obtenção do grau de Especialista em Coordenação Pedagógica sob orientação da Professora-orientadora Mestre Cristina Azra Barrenechea e do Professor monitor-orientador Mestre Leandro Gabriel dos Santos.

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**Rachel Lenir Otoni Sampaio**

### **REDES SOCIAIS E EDUCAÇÃO**

**Um estudo sobre as negociações de sentidos da disciplina de Sociologia feitas por alunos e alunas do Ensino Médio em suas interações no Facebook.**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Coordenação Pedagógica pela seguinte banca examinadora:

---

MsC Cristina Azra Barrenchea – UnB

(Professora-orientadora)

---

MsC Dalva de Oliveira – UnB

(Examinadora externa)

Brasília, 18 de maio de 2013.

## **DEDICATÓRIA**

À minha família que me proveu da sensibilidade necessária para perceber as relações sociais como essência da vida humana e a Educação como compromisso com a harmonia, felicidade, realização e desenvolvimento dessas relações.

À esta base familiar que me forneceu herança do amor pela docência, da paixão pela construção de sujeitos sociais e do cuidado com a formação de seres humanos.

Aos proprietários da minha adoração, aos responsáveis pela constituição do meu apego aos estudos, aos geradores da minha ânsia pelo conhecimento.

Ao meu pai, mãe, irmãs, sobrinhos, amigos e amigas os quais com atenção, estímulo, confiança, apoio e, sobretudo, amor não me deixaram desistir dos meus objetivos profissionais e acadêmicos e que, nos momentos de maior fraqueza, renovaram minhas forças.

Dedico a todos e todas a concretização deste trabalho e a conquista de mais um objetivo de vida.

## **AGRADECIMENTOS**

À Professora-orientadora Mestre Cristina Azra Barrenechea, condutora paciente, dedicada e solidária às minhas necessidades e dificuldades de trabalho com esta pesquisa. Estimuladora da minha criatividade e renovadora dos meus sonhos acadêmicos.

À Professora Doutora Simone Aparecida Lisniowski, colaboradora indispensável do projeto e preparação desta investigação.

Ao Centro de Ensino Médio Integrado à Educação Profissional do Gama, CEMI, pela cessão de espaço, horário e pessoal para a realização da pesquisa empírica. A essa instituição, meu lugar de trabalho, por compreender às minhas demandas e atender minhas indigências durante todas as etapas deste curso. Pela credibilidade nas minhas capacidades, na minha formação e, sobretudo, na minha evolução pessoal como benefício para toda a Escola e como melhoria das minhas ações profissionais de professora-educadora.

Aos meus alunos e alunas, fundamento do meu amor pela docência, razão da minha busca por novos conhecimentos e métodos para a melhoria do ensino, protagonistas deste estudo, alicerces principais dos resultados encontrados aqui. Meus agradecimentos especiais à turma A, de 2013, do terceiro ano do CEMI, por terem me recebido carinhosamente, apoiado e contribuído para as mais importantes informações descobertas nesta pesquisa. Sem meus alunos e alunas essa monografia não existiria.

De um lado, qualquer que seja a razão que fundamente a inclusão das Ciências Sociais no currículo de ensino do grau médio no Brasil, é impraticável a preservação de técnicas pedagógicas antiquadas.

Florestan Fernandes

## RESUMO

Este estudo buscou compreender como alunos e alunas do Ensino Médio estão utilizando os conteúdos trabalhados na disciplina de Sociologia em suas negociações de sentidos na Rede Social na qual eles ou elas participam no Facebook. A pesquisa, de nível exploratório, abordagem qualitativa, tipos bibliográfico e empírico, empregou como técnica de investigação o Grupo Focal com uma turma de terceiro ano do Centro de Ensino Médio Integrado à Educação Profissional da região administrativa do Gama, no Distrito Federal, o CEMI. A metodologia foi amparada pela “análise de conteúdo” proposta por Laurence Bardin para julgamento das manifestações discursivas e negociações de sentidos dos/as estudantes em suas interações cotidianas no Facebook. No Grupo Focal foram analisados os usos de termos, conceitos, ou pressupostos pertinentes aos conteúdos trabalhados em sala de aula com a disciplina de Sociologia. A análise e a fundamentação teórica sobre a conceituação e discussão do que são Redes Sociais e sua importância para o mundo contemporâneo; sobre a interpretação da realidade escolar “atual”; sobre a identidade do jovem contemporâneo; e sobre a discussão da implantação da disciplina de Sociologia como componente curricular do Ensino Médio; indicaram que há evidências da influência do discurso sociológico na negociação cotidiana de sentidos que alunos e alunas produzem no Facebook. Com isso, comprovou-se a possibilidade de se obter ferramentas de pesquisa nas Redes Sociais a fim de se compreender a transposição de conteúdos formais curriculares para as representações discursivas e negociações de significados dos/as estudantes em suas interações nas Redes Sociais virtuais. Confirmou-se que a aprendizagem dos/as jovens pode ser observada em suas manifestações discursivas nas Redes Sociais, especialmente, no Facebook.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
Objetivo Geral	13
Objetivos Específicos	14
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
2.1. Análise Elementar de uma Conjuntura: A Compreensão da “Realidade Escolar Brasileira”.	15
2.2. Senhoras e Senhores, com Vocês a “Juventude Semiúrgica” em Representações da “Sociedade do Espetáculo”!	20
2.3. Os Percursos Mútuos entre as Redes Sociais e a Configuração do Mundo Contemporâneo.	27
2.4. A Sociologia “Compartilhada” no Currículo do Ensino Médio Regular e “Curtida” em Temas Cotidianos do Facebook.	33
3. METODOLOGIA	39
3.1. Nível, Tipo e Abordagem da Pesquisa.	39
3.2. Procedimentos de Coleta dos Dados.	40
3.3. Procedimentos de Tratamento dos Dados.	42
3.4. Procedimentos de Análise e Apresentação dos Dados.	43
3.4.1. Caracterização do Ambiente Onde Ocorreu a Pesquisa.	43
3.4.2. Caracterização dos Participantes da Pesquisa.	44
3.4.3. Análise dos Resultados.	45
À GUIA DE CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES	56
Ocorrência de Termos da Sociologia.	56
Ocorrência de Conceitos da Sociologia.	57
Ocorrência de Pressupostos da Sociologia.	57
Em linhas Gerais, os Resultados.	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59





## INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto da pesquisa sobre como alunos e alunas do Ensino Médio estão utilizando os conteúdos trabalhados na disciplina de Sociologia em suas negociações de sentidos na Rede Social na qual ele ou ela participa no Facebook. O estudo teve nível exploratório, abordagem qualitativa, tipos bibliográfico e empírico, e a aplicação da técnica de pesquisa do Grupo Focal com uma turma de terceiro ano do Centro de Ensino Médio Integrado à Educação Profissional da região administrativa do Gama (CEMI). A intenção da utilização desta metodologia era coletar as manifestações discursivas dos/as estudantes quanto às suas interações cotidianas no Facebook. Procurou-se a partir do Grupo Focal analisar o uso de termos, conceitos, ou pressupostos pertinentes aos conteúdos da disciplina de Sociologia direcionados ao Ensino Médio e transpostos para as práticas interativas do Facebook. Para tratamento e apreciação dos dados coletados, utilizou-se a “análise de conteúdo” de Laurence Bardin (2009).

A juventude contemporânea é pertencente à chamada “Sociedade Semiúrgica” ou “Sociedade do Espetáculo”, priorizando a percepção, o sensitivo, a forma e o concreto como maneiras de entender o mundo (PEREZ-GOMES, 2001). Trata-se de uma juventude “hiper-realizada”, ou melhor, da realidade virtual, que realiza suas vivências em contato com a internet, os computadores, a televisão, o videogame (NARODOWZKY, 2001).

Essas afirmativas foram a alavanca da pesquisa exposta neste documento, a qual partiu da recusa em se admitir o recente fenômeno das Redes Sociais virtuais como um mero “modismo” juvenil e estabeleceu como tema de uma investigação científica a compreensão do uso que os/as jovens fazem, em suas interações sociais no Facebook, dos conteúdos trabalhados na disciplina de Sociologia no Ensino Médio.

Preconizou-se aqui a prerrogativa de que o fenômeno das Redes Sociais deve, antes de tudo, ser analisado como uma realidade significativa na vida dos/as jovens, considerando-se a influência destas Redes na construção da identidade, na forma de apropriação dos saberes de quem as usa e na apresentação e negociação dos saberes retidos fora do mundo virtual. A

Educação sistematizada da “Juventude Semiúrgica”<sup>1</sup> não deixou de ser apreciada pelo ângulo da característica de formação desses/as jovens estudantes baseada em convivências cotidianas com a internet, com as ferramentas virtuais de interação social, com a apreensão de informações (sejam elas de todos os níveis) pelas novas tecnologias (CASTELLS, 2005) e com a transposição na internet das negociações de sentidos absorvidas na família, no grupo de amigos/as, na escola etc. Sabe-se que existe uma “Condição Juvenil” (DAYRELL, 2007), ou melhor, o/a jovem que chega hoje às escolas públicas, na sua diversidade, apresenta características, práticas sociais e um universo simbólico próprio que o/a diferencia bastante das gerações anteriores. Essa “Condição Juvenil” sugere a demonstração da aprendizagem e a consolidação dela de forma discrepante das juventudes de alguns anos atrás.

A pesquisa foi impulsionada pela observação de que a participação dos/as jovens em Redes Sociais, notadamente no Facebook, é mantida de forma tão frequente e intensa que as suas relações sociais reais podem ser significativamente afetadas pelas configurações das suas diversas interações virtuais e vice-versa. Além disso, a constituição do seu saber tende a relacionar o que estes/as jovens veem ao espaço aonde viram, ao espaço aonde negociam esses saberes, sobretudo, ao espaço aonde explicitam esses saberes, incluindo os revestimentos e instrumentos deste espaço ao seu aprendizado e a maneira de concepção do mundo (GEERTZ, 1989). Em outras palavras, esses/as jovens podem construir um “sistema de significados” simbólico (estruturas conceituais dos fenômenos sociais dessa juventude) que se constitui expressivamente pelo Facebook, pelos conteúdos que divulgam nessa Rede ou que apreendem nela, pela maneira como estes conteúdos são tratados e discutidos e pelas pessoas que participam da repercussão e desenho deles.

Por outro lado, o debate recorrente, e até popular, sobre a melhoria da Educação brasileira não pôde fugir à análise proposta no presente trabalho, cuja relação entre a Educação formal e as Redes Sociais direcionou os objetivos da pesquisa e a problematização sobre a qualidade da influência que as primeiras proporcionam à segunda. Desta forma, houve como estimulador da investigação, o imperativo de se pensar na eficácia da Educação no Brasil ligada ao acompanhamento profundo de todas as transformações que a tecnologia, sobretudo as Redes Sociais, provocam nos/as jovens estudantes e ligada, ainda, à indignância de assimilação destes instrumentos como possíveis utensílios para o Ensino. Tomou-se como conjectura que é

---

<sup>1</sup> Aproveitando a expressão utilizada por Perez-Gomes (2001) cria-se aqui o termo “Juventude Semiúrgica” para se referir ao pertencimento deste grupo na sociedade conceituada pelo autor.

somente com a compreensão do/a jovem contemporâneo e a sua realidade que o Ensino Escolar desse público acessará e tocará com profundidade aqueles/as que são a essência da organização educacional de toda a sociedade, isto é, alunos e alunas.

Para focar o debate, favoreceu-se a investigação da influência apenas da disciplina de Sociologia nas práticas discursivas dos/as estudantes no Facebook. A delimitação do tema geral deveu-se, primeiramente, à paixão e experiência com a docência desta disciplina e, depois, à exigência metodológica de foco e restrição dos objetivos da pesquisa. De toda maneira, acreditou-se desde o princípio que essa limitação não afetaria a abrangência da relação da Rede Social com a Educação, já que o foco de uma pesquisa científica em um recorte delimitado tem condições de estimular a reflexão sobre uma situação geral e a produção de modelos para a análise da generalidade. Desta forma, partiu-se de uma pesquisa teórica e, posteriormente, da análise dos resultados de um Grupo Focal cuja abordagem e objeto pretenderam problematizar a influência da Educação Formal da Sociologia na construção dos discursos que a juventude negocia em suas práticas sociais no Facebook. E, ao investigar o material discursivo produzido por esta juventude em suas interações nas Redes, almejou-se possibilitar ferramentas de entendimento da transposição de conteúdos curriculares formais para as representações discursivas dos alunos e alunas efetivadas em suas relações sociais cotidianas. Esta pesquisa buscou evidenciar que as negociações de sentidos da juventude podem ser observadas em manifestações discursivas nas Redes Sociais.

Além dos motivos expostos para a preferência do enfoque do problema de pesquisa, é indispensável salientar que, sendo a Sociologia a ciência do despertar “crítico” para a realidade social e para os mais atuais e urgentes debates da sociedade (FERNANDES, 1955), e sendo as Redes Sociais um espaço de representação da realidade (AGUIAR, 2007), as segundas podem dar suporte à primeira porque são universos de apreciação, discussão e ponderações a respeito das relações sociais, cujo objeto trata a referida disciplina. Portanto, vê-se que o diálogo entre uma disciplina que tem como objeto de estudo as interações sociais e Redes Sociais as quais são lugares de circuitos relacionais virtuais é conveniente pela aproximação de suas finalidades e afinidades. Essa aproximação também não deixou de instigar a formulação da pergunta chave da pesquisa.

Foi visando respeitar os atributos e peculiaridades da juventude atual; compreender as configurações das relações sociais dessa juventude com sua construção de significados; contribuir no entendimento da Educação dessa juventude em contato com as tecnologias da

comunicação; colaborar com o desenvolvimento da Educação conforme aquilo que a sociedade atual exige dela; e munir educadores e profissionais da educação (principalmente, professores e professoras de Sociologia) de maior entendimento e aproximação do “sistema de significados” (GEERTZ, 1989) dos/as jovens do século XXI; que foi consolidada, como eixo norteador desta pesquisa sobre a relação entre Redes Sociais e Educação, a seguinte pergunta: *Como alunos e alunas do terceiro ano do Centro de Ensino Médio Integrado à Educação Profissional da região administrativa Gama, no Distrito Federal, negociam os sentidos apreendidos pelos conteúdos da disciplina de Sociologia nas suas interações na Rede Social na qual eles ou elas participam no Facebook?*

A fim de que se chegasse a uma resposta para esse questionamento, cuja gestação se deu por meio de todas as reflexões já apresentadas, buscou-se demonstrar, com base na Teoria das Ciências Sociais e Humanas, a conceituação e discussão do que são Redes Sociais e sua importância para o mundo contemporâneo; interpretar, com suporte das Teorias da Educação, a realidade escolar “atual”; compreender a identidade do jovem contemporâneo; e discutir a implantação da disciplina de Sociologia como componente curricular do Ensino Médio. Esses temas acima descritos constituíram o arcabouço da discussão teórica cujo escopo era fundamentar os conceitos e subsídios basilares para o diagnóstico dos relatos coletados de estudantes sobre sua representação discursiva no Facebook. Esse diagnóstico dos relatos, colhidos através de um Grupo Focal com uma turma de terceiro ano do Ensino Médio, foi orientado pela “análise de conteúdos” proposta por Bardim (2009), teórica a qual serviu de referência metodológica para a apreciação da ocorrência de termos, conceitos e pressupostos estudados pelos/as jovens na disciplina de Sociologia. A técnica de investigação, seus respectivos níveis, abordagens e tipos de pesquisa, procedimentos de coletas de dados, caracterização dos participantes e do ambiente de coleta dos dados e os procedimentos de análise e apresentação desses dados serão descritos no capítulo da Metodologia. Antes disso, à critério de bússola organizacional, serão apresentados os objetivos geral e específicos desta pesquisa e, em seguida, o capítulo correspondente ao Referencial Teórico com seus subitens.

### **Objetivo Geral**

Compreender como os alunos e alunas de uma turma do Ensino Médio negociam os sentidos pertinentes à disciplina de Sociologia em suas práticas sociais estabelecidas no Facebook.

### **Objetivos Específicos**

- Desenvolver uma revisão bibliográfica que subsidiasse temas relacionados ao problema da pesquisa e que fundamentasse a análise dos dados;
- Sistematizar a coleta de dados obtidos nas manifestações discursivas de estudantes, em um Grupo Focal, sobre suas interações e participações no Facebook;
- Avaliar, com base na “análise de conteúdo” de Bardin e com o suporte da fundamentação teórica, os registros coletados e verificar a ocorrência do uso de termos, conceitos ou pressupostos oriundos dos conteúdos curriculares da disciplina de Sociologia;
- Comunicar se houve ocorrência da influência da disciplina de Sociologia nas representações discursivas e negociações de sentidos dos/as estudantes e como elas ocorrem nas manifestações cotidianas dos/as mesmos/as no Facebook.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1. Análise Elementar de uma Conjuntura: A Compreensão da “Realidade Escolar Brasileira”.

Embora seja comum se ouvir, ler ou discutir assuntos relacionados à Educação os quais considerem certa “crise” da estrutura contemporânea da Escola (DAYRELL, 2007) não se pode deixar de lado a essência e o próprio fundamento desta Instituição na sociedade ocidental pós-moderna<sup>2</sup>. “A existência da escola cumpre um objetivo antropológico muito importante: garantir a continuidade da espécie, socializando para as novas gerações as aquisições e invenções resultantes do desenvolvimento cultural da humanidade” (LIMA, 2008, p. 18). Se, mesmo discutindo os atuais desafios impostos pela Escola, for lembrado que ela também garante o desenvolvimento humano, e vice-versa, constatar-se-á que as mudanças na cultura e na sociedade levarão, obviamente, às novas formas de pensamento e de comportamento dentro da própria Escola. O juízo e as soluções para as dificuldades e provocações da Escola podem, a partir desta reflexão, começar a percorrer um caminho mais fácil e próximo do sucesso.

Em uma de suas definições, “a Escola é um espaço de ampliação da experiência humana, devendo, para tanto, não se limitar às experiências cotidianas do estudante e trazendo, necessariamente, conhecimentos novos, metodologias e as áreas de conhecimento contemporâneas” (LIMA, 2008, p. 20). Isso quer dizer que a Escola necessita e deve sempre acompanhar as transformações e a evolução da sociedade para que o seu papel seja cumprido efetivamente e para que seu modelo não ultrapasse as demandas sociais ou viva em um “universo paralelo” à realidade do/a aluno/a.

O imperativo, portanto, de se compreender não só a Escola, mas a cultura e a sociedade em que ela se insere, é intrínseco à existência e à continuidade do desenvolvimento da humanidade. Como notado, a Escola é o instrumento de propagação e afirmação dos valores da sociedade, dependendo esta última da primeira, ou a primeira da última. Neste sentido, a

---

<sup>2</sup> Sociedade Ocidental Pós-Moderna: Trata-se de uma característica da sociedade fundada na conjuntura global inserida na perspectiva do múltiplo: múltiplas abordagens, perspectivas e nomenclaturas. É um fenômeno de protesto, que tem muito mais desconstrução do que construção em vista. Um fenômeno das relações sociais virtuais, da relação constante com a tecnologia, seus tempos rápidos, suas quantidades de produção de significados, dos modismos, da rapidez deles, do desapego às instituições como únicos referenciais de construção da identidade e dos saberes. Um sinônimo para a pós-modernidade é o “líquido”. (BAUMAN, 1997)

Escola deve se apropriar da atual característica da “Sociedade Semiúrgica”, sociedade responsável pela proliferação de signos, simulacros e imagens, e detentora de jovens que agora se definem em novas formas de aprendizado, jovens pertencentes à “sociedade do espetáculo”, que ostentam a astúcia, a sensação e a forma como maneiras de entenderem o mundo (PEREZ-GOMES, 2001), jovens que têm como perfil o grande envolvimento com as linguagens e narrativas de caráter virtual e tecnológico.

A Escola, destarte, precisa estar, constantemente, praticando a “ressignificação reflexiva dos saberes” (SOBRINHO, 2010, p. 12) Cabe às professoras e aos professores, problematizar os “registros experienciais e culturais” presentes no cotidiano escolar e articulá-los aos “registros epistêmicos” próprios da educação escolar, e para os quais estes profissionais, “sujeitos epistêmicos”, recebem uma formação pedagógica (TARDIF, 2002, *apud* SOBRINHO, 2010, p.13). “O trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto de homens e mulheres” (SAVIANI, 2007, p.13 - adaptado) e esta pesquisa visou colaborar com essa produção de modo a respeitar as peculiaridades tecnológicas da sociedade em que a Escola se coloca.

Para tanto, o problema de pesquisa o qual visou compreender *como alunos e alunas do terceiro ano do CEMI negociam os significados impetrados pelos conteúdos da disciplina de Sociologia em suas interações na Rede Social na qual eles ou elas participam no Facebook* está embutido na ideia de que as transformações históricas também alteraram profundamente a questão da formação do sujeito no cotidiano escolar. Este estudo, portanto, intencionou apreender essas alterações de forma que a apreensão colabore com o desenvolvimento também da Escola nesse processo dinâmico da sociedade.

O primeiro passo para a “ressignificação reflexiva dos saberes” (SOBRINHO, 2010, p.12) a propósito da relação da Escola com os “registros experienciais e culturais” (TARDIF, 2002, *apud* SOBRINHO, 2010, p.13) da sociedade foi o de determinar o sentido ou os predicados do que se considerou “Escola atual” ou “realidade escolar brasileira”. Ponderou-se, antes de tudo, que a generalização dos conceitos não deixaria de admitir que existam, sim, múltiplas escolas, múltiplas situações e múltiplos atores, seja no âmbito regional ou nacional. No entanto, falar de “realidade escolar atual” no estudo foi considerar os aspectos relevantes na maior parte das instituições brasileiras, não negando a particularidade de cada uma delas. Além disso, a limitação de uma “realidade escolar atual” dentro da conjuntura do Brasil



respeitou a um critério de limitação do campo de estudo, já que a diversidade presente no país denota diferenciação maior ainda na esfera mundial, embora a sociedade ocidental pós-moderna compartilhe atributos semelhantes em qualquer parte do planeta. O surgimento e a estória de desenvolvimento da Escola estão além das fronteiras nacionais, todavia, o caráter cultural, social, político, econômico, moral, religioso etc. do Brasil funda em suas escolas minúcias específicas da sociedade brasileira. Isso quer dizer que observar a chamada “realidade escolar atual” a partir de um ponto de vista genérico, nacionalmente, não impede a chegada às proximidades do específico e muito menos do global. Como afirmou o antropólogo Geertz: “Qualquer generalidade que consegue alcançar surge da delicadeza de suas distinções, não da amplidão das suas abstrações” (1989, p. 35).

Ainda, a limitação do tempo que está sendo chamado de “atual” foi definida dentro do intervalo de existência do Facebook no mundo, isto é, desde 04 de fevereiro de 2004 (FACEBOOK, acessado em janeiro de 2013). O rigor de limites para esse intervalo de tempo deveu-se à necessidade de clareza dos adjetivos utilizados no estudo e, sobretudo, ao posicionamento da conjuntura social no momento que se estudou.

E como parâmetro de análise da situação da Escola no Brasil, atualmente, a pesquisa se guiou na definição de Rosely Sayão quanto à interpretação da “realidade escolar atual” frente à concepção do que seria uma boa escola. Desta maneira, uma boa escola:

Ensina com rigor e exige o máximo de seus alunos; ensina a construção da disciplina necessária para estudar; trabalha com qualquer aluno e convoca todos eles a terem compromisso com o ato de aprender; ensina a conviver com coleguismo; respeita diferenças de ritmo e de aprendizagem de seus alunos, entre outras coisas. E tudo isso no horário das aulas, sem repassar tais responsabilidades aos pais (SAYÃO, Acessado em novembro de 2012).

Partindo desse conceito de “boa escola” se avaliou, de forma geral, a “realidade escolar atual” e sua permanente ambição de melhoria frente ao respeito pela “realidade social”. Aliás, não obstante à ideia de “boa escola” envolver as redes públicas e privadas, a análise da “realidade escolar brasileira” centrou-se na Escola Pública, dada a crença de que são essas escolas que, verdadeiramente, expressam a “realidade atual”, até porque é nelas que se encontram 85,7% da população de estudantes brasileiros, contra 14,3% inseridos na rede particular (BRASIL, 2011).

A Escola Pública representa melhor a realidade brasileira porque a Escola é determinada pelo que a circunda, bem além de seus muros, determinando o que há também neste “além”. “A

instituição escolar foi constituída na história da humanidade como o espaço de socialização do conhecimento formal historicamente construído” (LIMA, 2008, p. 23). Sendo assim, a “realidade escolar atual” tem como dificuldade a distinção entre o *dentro e o fora* - como afirma Dayrell (2007) - e requer compreensão da conexão entre esses dois fluxos. Por isso, a Instituição Escolar, atualmente, torna-se parte dos problemas que ela se propôs a resolver, articulando contradições e desafios presentes na sociedade e apresentando-se como um espaço peculiar que pronuncia diferentes dimensões.

Outra característica da Escola atual é abordada no conceito de Dubet (2006) sobre a “desinstitucionalização do social”. Para Dubet (2006), a “desinstitucionalização” significa crise e mutação de uma modalidade de ação institucional consagrada pela modernidade, resultado de um esgotamento do seu programa institucional. Segundo esse estudioso, parte do papel da Escola está em mutação, sendo atribuídos ao próprio sujeito alguns desses papéis os quais “o obriga a se constituir livremente a partir das experiências sociais que lhe são impostas” (p. 403) (o que não significa deixar de se observar que a construção das individualidades se faz também através das identidades coletivas). Pais (2003) vai além do conceito de Dubet e afirma que: “Assistimos à desinstitucionalização do social, não porque as instituições estejam em declínio ou em vias de extinção, mas pelo fato de serem vias de mudança social” (p. 316).

O conceito de “desinstitucionalização” reflete a composição dessa realidade perante a própria constituição livre e independente de alunos e alunas cujas experiências cotidianas são consumadas pelo acesso frequente à internet e às Redes Sociais. Não se esquecendo de que essa “liberdade” está sujeita ao reconhecimento da Escola como uma forma de dominação social (DUBET, 2006). “O dominado é convidado a ser o mestre da sua identidade e de sua experiência social, ao mesmo tempo que é posto em situação de não poder realizar este projeto” (DAYRELL, 2007, p. 1123). Uma apropriação plena das Redes Sociais no contexto escolar pode terminar desconstruindo uma concepção hegemônica da Educação restrita à Escola.

Convém se aceitar que o conceito de “desinstitucionalização” pode estar ligado ao processo de “individualismo e mercantilização das relações” presente na Escola contemporânea, apontado por Kramer (2007). Desta maneira, o entendimento de Sônia Kramer sobre a perda da capacidade do diálogo na modernidade e a rotulação de preços em todas as coisas e pessoas admite acrescentar à constituição livre do sujeito o seu caráter cada vez mais

individualista e mercantil, tornando a Escola, bem como outras Instituições Sociais, numa Instituição de convívio da “indiferença ocupando o lugar das diferenças” (2007, p.19). Essa assertiva é aproximada da afinidade e grande interesse dos jovens para com as relações afastadas do contato pessoal e próximas do contato virtual.

Mas ao lado do juízo sobre o individualismo, a indiferença e a mercantilização das relações na Escola tem também outros pontos de vista sobre as relações sociais na Escola e sobre a característica do público que ela atende. Como exemplo, tem-se a discussão de Dayrell (2007) sobre o processo de “ruir dos muros” da Escola, ou melhor, o processo de massificação da Escola Pública, significando a superação das barreiras que antes evitavam as camadas populares de frequentarem-na. Relata o autor que ocorreu uma migração significativa dos alunos e alunas das camadas altas e médias para a rede particular de ensino, transformando o Ensino Público em Escola para pobres e, conseqüentemente, reduzindo o poder de pressão e qualidade da mesma. Ademais, se a Escola se tornou menos desigual, continua sendo injusta, somando à injustiça, a presença e os conflitos das contradições sociais, tais como preconceito e violência.

Também como atributos da “realidade escolar atual” faz sentido a opinião de Cury (2002) quanto às três funções clássicas atribuídas ao Ensino Médio do ponto de vista jurídico, a função propedêutica, a função profissionalizante e a função formativa, e a predominância nos dias atuais desta última, conceitual e legalmente.

É importante lembrar que, embora com funções pré-definidas e bem teorizadas, na prática ainda há muito trabalho a ser feito na Escola para que se chegue a uma Educação a qual atenda às diferenças e, ao mesmo tempo, às particularidades da juventude contemporânea. Como pronuncia Dayrell (2007), “se a escola se abriu para receber um novo público, ela ainda não se redefiniu internamente para receber essa juventude” (p. 1117). A interpretação da possível colaboração que o Facebook oferece à Educação de jovens irá colaborar para a redefinição de uma Escola que necessita se abrir para as práticas rotineiras de seus/as alunos/as.

Por fim, deve se salientar que o desígnio da Escola Pública é formar no/a aluno/a o “novo cidadão” e à indigência deste “cidadão necessário” em agir com inclusão social crítica e transformadora da sociedade (PIMENTA, 1993). Portanto, a Escola precisa especificar e detalhar os avanços e os problemas da civilização atual, já que não há como educar o “cidadão

novo” sem incorrer dos efeitos, ganhos e perdas da tecnologia na sociedade e no próprio cotidiano da Escola.

## **2.2. Senhoras e Senhores, com Vocês a “Juventude Semiúrgica” em Representações da “Sociedade do Espetáculo”!**

A finalidade de se perceber *como alunos e alunas do terceiro ano do CEMI negociam os sentidos apropriados no conteúdo da disciplina de Sociologia em suas atividades na Rede Social a qual eles/as participam no Facebook* demandou demarcação da identidade dos sujeitos analisados na pesquisa. Assim, foi trabalhado neste estudo a conceituação da estrutura individual desses/as jovens e sua constituição particular conjugada à coletividade e sua natureza social. Para este fim, partiu-se<sup>3</sup> da Teoria sobre Desenvolvimento e Aprendizagem.

O significado de Desenvolvimento e a Aprendizagem, em primeiro lugar, foi respeitado na pesquisa como as prestezas naturais da criança e do/a jovem, suas atividades iniciais de identificação e composição. As atividades são artefatos de um processo contínuo, constante e em aberto e funcionam como recurso para responder às exigências de adaptação e sobrevivência humana. Neste processo, é fundamental que se estabeleça interação social, sendo importante que as experiências do indivíduo se juntem aos seus “conjuntos funcionais”<sup>4</sup> e à sua aquisição de significados. Isso porque os “conjuntos funcionais” ora são voltados para a constituição de si, ora para a constituição do mundo, e essas constituições são proporcionadas pela sociedade. Por vezes, a sociedade possibilita o desenvolvimento e a aprendizagem de maneira informal, por vezes, de forma sistematizada, no entanto, o que é tônico é que nesse interim vai se estabelecendo a diferenciação em cada indivíduo, conforme se evoluem suas experiências particulares e coletivas (MAHONEY, 2004).

O processo de Desenvolvimento e Aprendizagem, como relatado, é ininterrupto e acompanha o ser humano em todas as fases ou “estágios” de sua vida. Na infância, na juventude, na fase adulta e idosa o processo permanece e vai expressando, em cada fase, uma configuração discrepante de lidar com o “eu” e com o “mundo”. A juventude em seu desenvolvimento

---

<sup>3</sup> A utilização da Teoria sobre Desenvolvimento e Aprendizagem não passou de um ponto de partida, já que não houve intenção deste trabalho em aprofundar as discussões mantidas desta teoria.

<sup>4</sup> Os conjuntos Funcionais são divididos em motor, afetivo, cognitivo. Ele é o sistema integrado da pessoa numa análise abstrata do indivíduo. (MAHONEY, 2004).

humano, por exemplo, apregoa especificidade em sua identificação e em sua relação com o mundo.

Portanto, o estilo de viver o tempo e o espaço da juventude se diferencia dos outros “estágios”, representando configurações diferentes. O trabalho de Dayrell sobre a Escola e a construção da juventude fundamenta essa constatação, principalmente, quando este autor avalia que na “Condição Juvenil”<sup>5</sup>:

Há predomínio do tempo presente, que se torna não apenas a ocasião e o lugar, quando e onde se formulam questões às quais se responde interrogando o passado e o futuro, mas também a única dimensão do tempo que é vivida sem maiores incômodos e sobre a qual é possível concentrar atenção (DAYRELL, 2007, p. 1112).

Nesse sentido, a juventude é como uma ponta de *iceberg*, na qual os diferentes modos de ser jovem expressam mutações significativas nas formas como a sociedade “produz” os indivíduos (DAYRELL, 2007). Como bem constatou Vygotsky (FREITAS, 1997), essa “produção” de indivíduos pela sociedade congrega o aprendizado e seus processos de pensamento (intrapicológicos) e a relação com outras pessoas (processos interpsicológicos).

É conveniente neste diagnóstico da “Condição Juvenil” (DAYRELL, 2007) a lógica de Vygotsky de que a sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida no contexto de uma dimensão histórico-geracional, mas também à sua situação, ou seja, ao modo como tal fase da vida é vivida a partir dos diversos recortes das diferenças sociais – classe, gênero, etnia etc. As transformações socioculturais ocorridas no mundo ocidental nas últimas décadas, apontadas pelo sociólogo contemporâneo Giddens (1991)<sup>6</sup>, sustentam essa perspectiva de ressignificação moderna do tempo e espaço e da geração de uma nova arquitetura do social, bem como de uma nova juventude.

Sendo assim, a/o jovem contemporâneo vive práticas sociais e um universo simbólico próprio que o diferenciam das gerações anteriores. Isso, aliás, poderá confirmar a presença da internet e das Redes Sociais no cotidiano juvenil. Percebe-se a relevância, na juventude contemporânea, da ostentação dos aparelhos eletrônicos e da comunicação virtual e, como

---

<sup>5</sup> No Brasil, existe uma condição juvenil (DAYRELL, 2007), ou melhor, o/a jovem que chega às escolas públicas, na sua diversidade, apresenta características, práticas sociais e um universo simbólico próprio que o/a diferenciam e muito das gerações anteriores.

<sup>6</sup> Giddens estudou minuciosamente as transformações socioculturais da sociedade, no entanto, não cabe a este trabalho relatar cada uma delas e sim fazer referência à comprovação científica de que elas existiram. Por isso a conveniência de citação a este sociólogo.

afirma Dayrell, “de forma diferenciada, lhes abre a possibilidade de práticas, relações e símbolos por meio dos quais criam espaços próprios, com uma ampliação dos circuitos e redes de trocas, o meio privilegiado pelo qual se introduzem na esfera pública” (2007, p. 1113).

Sobrinho (2010) também confirma que a juventude contemporânea possui construção da identidade como resultante de forças históricas, um processo cumulativo de experiências, saberes e práticas interligadas por meio da relação espaço-temporal e pela dimensão relacional que os mais diversos sujeitos estabelecem entre si em seu dia-a-dia. Assim, o autor afirma:

No espaço-tempo escolar, além “das artes de dizer, das artes de pensar e artes do fazer” de caráter pedagógico — ensinar, avaliar, disciplinar, pesquisar, estudar — manifestam-se “mil outras ‘artes’ do dizer, do fazer e do pensar” inerentes à cultura contemporânea e motivo de estranhamento dos educadores que têm como referência o imaginário pedagógico de caráter iluminista (SOBRINHO, 2010, p. 6).

Para não se cometer o erro de reproduzir esse “imaginário pedagógico de caráter iluminista”, é importante “situar-nos”, como diria Geertz (1989). Isto é, o entendimento dessa “Juventude Semiúrgica” depende do entendimento da cultura em que esse/a jovem vive. Deve se aceitar que a compreensão desse/a jovem depende de “ver as coisas do ponto de vista do ator” (1989, p. 15), ou seja, compreender a cultura de um povo expõe a sua normalidade sem reduzir sua particularidade. “Isso os torna acessíveis: colocá-los no quadro de suas próprias banalidades dissolve sua opacidade (1989, p.26)”. E a cultura é:

(...) sistemas entrelaçados de signos interpretáveis, a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade. (p. 30)

É apontadora da concepção da juventude contemporânea a sua cultura como o referencial ao seu “Sistema de Significados”. Isso se inicia com a constatação da diferença histórica entre o aluno e aluna de ontem e o de hoje os/as quais possuem “historicidade pós-moderna<sup>7</sup>”

---

<sup>7</sup> “Historicidade Pós-Moderna”: um conjunto de práticas culturais responsáveis pela “produção” de sujeitos particulares, específicos, com identidades e subjetividades singulares. “um sujeito-estudante pós-moderno porque ele apresenta um novo tipo de subjetividade humana — uma subjetividade pós-moderna — que se caracteriza pela efetivação particular da identidade social e da agência social, corporificadas em novas formas de ser e de tornar-se humano” (SOBRINHO, 2010).

(SOBRINHO, 2010). Tais mutações da juventude contemporânea interferem diretamente nas Instituições tradicionalmente responsáveis pela socialização das pessoas, como a Escola. Essa afirmativa legitima a necessidade de novos processos de ensino e aprendizagem dentro da Escola os quais poderão surgir da compreensão desses/as jovens e da sua relação com as Redes Sociais no seu processo de Educação.

Tendo como alicerce essa ideia, também aprovada por Marisa Vorráber Costa, de que “as nossas salas de aulas estão cada vez mais povoadas de jovens do século XXI” (COSTA, 2005 *apud* SOBRINHO, 2010, p. 02) pode se verificar que a socialização em Redes Sociais é uma manifestação da “Sociedade Semiúrgica”, cuja proliferação de signos, simulacros e imagens vai definindo uma juventude contemporânea priorizando a percepção, o sensitivo, a forma e o concreto (PEREZ-GOMES, 2001). Tendo essa “Sociedade Semiúrgica” a participação protagonista de jovens e tendo esta pesquisa o foco neste estágio da vida, criou-se o termo “Juventude Semiúrgica” como empréstimo da categoria de Perez-Gomes e como alternativa facilitadora à descrição dessa juventude.

Sobrinho (2010) discute essa característica da “Sociedade Semiúrgica” em seu trabalho sobre realidade escolar e compartilha várias ideias de Perez-Gomes no estudo sobre identidade juvenil. Sobrinho reitera a posição de Perez-Gomes de que o século XXI possui “espaço ecológico de cruzamento de culturas”, portanto, cruzam-se na vida do/a jovem, cotidianamente, a “cultura crítica”, “cultura acadêmica”, “cultura social”, “cultura institucional”, e a “cultura experiencial” dos alunos e alunas (PEREZ-GOMES *apud* SOBRINHO, 2001, p.5).

Por esse motivo, a interpretação da identidade contemporânea da juventude ligada às Redes Sociais agrega o olhar para essas diversas culturas a partir de um único lugar, o Facebook, e, ao mesmo tempo, traz para a Escola a “cultura experiencial” dos/as estudantes que, como visto, está fortemente relacionada à consumação da comunicação virtual e da vivência pela internet.

A trajetória de vida desses/as jovens, a dimensão simbólica e expressiva, tem sido utilizada como forma de comunicação e de posicionamento diante de si mesmos/as e da sociedade. A música, a dança, o vídeo, o corpo e seu visual, dentre outras formas de expressão, são cultuados nas Redes Sociais que servem como os mediadores que articulam jovens. Como

---

relata Dayrell “o mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais, no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil” (2007, p. 1110). A prerrogativa de Dayrell (2007) de que a turma de amigos/as é uma referência na trajetória da juventude; que a sociabilidade expressa uma dinâmica de relações e tende a ocorrer em um fluxo cotidiano também certifica a importância do Facebook para a identidade da/o jovem contemporâneo. A sociabilidade através das Redes Sociais, para os/as jovens, responde às suas necessidades de comunicação, de solidariedade, de democracia, de autonomia, de trocas afetivas e, principalmente, de identidade. A confirmação disso pôde ser obtida no estudo empírico relatado em capítulo posterior, o qual induziu à conclusão de que a Educação mantém relação com a expressão máxima da juventude pelo Facebook, embora em níveis e articulações diversificadas e qualidades múltiplas.

Por outro lado, se Pais afirma que a juventude, além de ser socialmente construída, tem também uma configuração espacial (1993), traduzindo o significado social que a praça, a rua, as quadras têm para os/as jovens, há, então, uma nova “Condição Juvenil” (DAYRELL, 2007) a qual apresenta a transferência do “espaço físico como espaço social” para o “espaço virtual como espaço social”. O Facebook, assim sendo, representa os “bairros audiovisuais e virtuais” de Augé (1998), que são os “não-lugares”, o espaço-tempo pós-moderno.

Cabe mencionar a afirmativa de Sobrinho (2010) de que a “imagem clássica do aluno” (sujeito da educação idealizado e a-histórico) esgotou-se. Reiterando-se que se vive uma “transição paradigmática” da essência do ser humano. E dentro desta nova característica contemporânea tem-se a identidade juvenil sucessora de uma infância de realidade virtual, de presença massiva da Internet, dos computadores, dos sessenta e cinco canais da TV a cabo, dos videogames, e também de marca da independência, autonomia e maior liberdade (NARODOWZKY, 2001).

A “transição paradigmática” de Castells (2005) sustenta a verificação de um momento em que a cultura se transforma em mercadoria; em que se nota uma sociedade “pós- moralista”, ou melhor, que exalta os direitos individuais à autonomia, ao desejo e à felicidade; de identidades pós-modernas, isto é, transterritoriais e sócio comunicacionais, como a própria lógica dos mercados. As Redes Sociais vêm para concretizar essa transição e a Escola poderá acessá-la se utilizá-las como ferramentas de ensino ou avaliação de aprendizagem.



As mudanças de identidade são seguidas de certo “Pânico Moral” e na Escola este pânico é expresso na resistência ao currículo formal, na influência dos meios de comunicação e na moda da “juventização” (SOBRINHO, 2010).

Tem-se como salutar, além disso, considerar que as transformações históricas também alteraram profundamente a questão da formação do sujeito-cidadão no cotidiano escolar, consolidando um processo de deserção do político e ideológico. Sabe-se que muitos movimentos têm sido organizados ou iniciados através das Redes Sociais, assim, essa deserção poderá ter uma reviravolta se considerada a influência do Facebook, especialmente, na vida dos/as jovens e a possibilidade de a Escola utilizar essa ferramenta para construção do aluno-cidadão ou da aluna-cidadã (PIMENTA, 1993).

A ênfase dos objetivos deste estudo para a observância da Escola à “Condição Juvenil” a qual ela atende é ancorada pelo diagnóstico de que o processo ensino-aprendizagem só se estabelece como uma relação de reciprocidade. Isso quer dizer que não deve haver estagnação de nenhuma das partes e o reconhecimento mútuo deve ser dinâmico e constante. Nesse sentido, a proposta de se compreender *como alunos e alunas do Ensino Médio negociam sentidos dos conteúdos da disciplina de Sociologia com práticas cotidianas efetivadas na Rede Social na qual eles ou elas participam no Facebook* também tem sustentação da Teoria da Aprendizagem, já que ao se compreender a “Condição Juvenil” os professores e professoras efetivam a relação recíproca de aprendizagem e contato com alunos e alunas.

Desta maneira, em se tratando de aprendizagem, não há de se esquecer do caráter eminentemente relacional e social da consciência humana. Tanto Vygotsky como Bakhtin confirmam essa teoria e acrescentam a discussão da autoridade dos signos na formação e desenvolvimento da pessoa. A sociabilidade expressada e buscada nas Redes Sociais não passa de uma necessidade humana de se relacionar:

O outro é, portanto, imprescindível tanto para Bakhtin como para Vygotsky. Sem ele o homem não mergulha no mundo sócio-cultural, não penetra na corrente da linguagem, não se desenvolve, não realiza aprendizagens, não ascende às funções psíquicas superiores, não forma a sua consciência, enfim não se constitui como sujeito. O outro é peça importante e indispensável de todo o processo dialógico que permeia ambas as teorias (FREITAS, 1997, p. 18).

Essa sociabilidade não só é necessidade como melhora o aprendizado. Em estudo sobre o trabalho colaborativo na Educação, Damiani (2008) fala sobre a “co-construção” do conhecimento, considerando-a como parte essencial do processo de aprendizagem. A autora aponta o valor das constantes interações entre pares para a criação de questionamentos sobre

as estruturas de conhecimentos já adquiridos, assim como para a exposição a diferentes raciocínios e comportamentos que podem ser apropriados por meio da imitação criativa e não-reprodutiva, enriquecendo o repertório de pensamento e a ação dos/as estudantes. Apresenta uma vasta literatura indicando que o desenvolvimento de atividades de maneira colegiada pode criar um ambiente rico em aprendizagens acadêmicas e sociais tanto para estudantes como para professores/as, assim como proporcionar a estes um maior grau de satisfação profissional. Isto indica que há expectativa de a Escola utilizar o Facebook como ferramenta de socialização e comunicação de trabalhos coletivos.

Para embasar tal hipótese Lave e Wenger (1991) vêm para comprovar que indivíduos em processos de aprendizagem em situações não formais (“comunidades de prática”) formam uma entidade social e estão envolvidos em empreendimentos conjuntos que os estimulam a aprender. A participação em “comunidades de prática” faz com que os indivíduos internalizam as normas, os hábitos, as expectativas, as habilidades e os entendimentos das comunidades e grupos em que vivem.

Conquanto não haja pesquisas mostrando a relação entre as “comunidades de prática” e as Redes Sociais, as constatações de Lave e Wenger sobre os benefícios da sociabilidade na educação de crianças e jovens são mais um suporte para a opinião de que a promoção das relações sociais é fundamental para a formação humana dos sujeitos. A Educação formal de jovens, como já discutido, deve reverenciar essa essência juvenil e humana, a qual depende das interações, para que alcance bons resultados.

O Facebook, por ser uma Rede de socialização, pode colaborar como possível ferramenta do caráter relacional e social da aprendizagem de jovens; representar o estilo diferente de essa juventude viver o tempo e o espaço; representar sua peculiaridade no tratamento com o “eu” e com o mundo; e, por fim, apresentar a consolidação das negociações de sentidos apreendidos na sala de aula.

Se considerando que a “Condição Juvenil” (DAYRELL, 2007) desses/as estudantes partilha de um universo simbólico próprio, em que há ostentação de aparelhos eletrônicos e referência de identidade na turma de amigos/as e na socialização cotidiana, é plausível verificar o Facebook como um “espaço ecológico de cruzamentos das culturas”, o qual agrega as “cultura crítica”, “cultura acadêmica”, “cultura social”, “cultura institucional”, e a “cultura experiencial” dos alunos e alunas (SOBRINHO, 2001, p. 17) em um único lugar. Tudo indica

que esta Rede serve como mediadora e articuladora de jovens através da música, da dança, dos vídeos, do visual e se estrutura como um bairro audiovisual e virtual.

Consegue-se ver o Facebook com condições de atender a perspectiva de que o aprendizado também se dá de maneira informal e que esta Rede pode exibir a transposição do aprendizado conseguido na Escola. Leva-se em conta para esta proposição, que, como resultados das forças históricas e do caráter de historicidade da juventude pós-moderna, temos hoje nossas salas povoadas por jovens do século XXI; e que as características dessa juventude interferem diretamente nas Instituições tradicionalmente responsáveis pela socialização, como é o caso da Escola. As interferências supõem concatenar o “sistema de significados” desses/a jovens com a urgência de a Escola repensar seu ensino e sua visão de juventude contemporânea, podendo se aproveitar beneficentemente do uso das Redes Sociais como ferramentas ou compreendendo qual é o tipo de vinculação entre os conteúdos escolares com as informações vivenciadas e compartilhadas nestas Redes.

Vários/as autores/as e muitas teorias sobre as características da “Sociedade Semiúrgica” e da “Condição Juvenil” levam a crer que a relação entre as Redes Sociais e a Educação tem fundamento na conjuntura brasileira e mundial. No entanto, resta saber se estudos feitos sobre a definição e a importância das Redes Sociais no mundo contemporâneo endossam essa constatação, e se nesse endosso há o carimbo da pesquisa empírica realizada com uma turma de jovens do Ensino Médio.

### **2.3. Os Percursos Mútuos entre as Redes Sociais e a Configuração do Mundo Contemporâneo.**

As Redes Sociais são práticas e espaços que suportam interesses comuns, demandas e metas semelhantes, colaboração, comunhão de conhecimento e informação, interação e comunicação dos sujeitos sociais (PETTENATI & RANIERI, 2006). No Brasil, as Redes Sociais passaram a despertar interesse para pesquisas científicas na década de 90 do século passado, na inércia das investigações sobre as formas associativas e organizativas que emergiram dos processos de resistência à ditadura militar, de redemocratização do país, de globalização da economia e de proposição do desenvolvimento sustentável (AGUIAR, 2007).

No entanto, em caráter de análise global, alguns autores/as apontam os diversos padrões de formação de redes de indivíduos e grupos sociais começando a serem estudados a partir da

década de 1940, especialmente, por sociólogos, antropólogos e psicólogos sociais dos EUA, Inglaterra e Alemanha (BARNES, 1972; ROGERS e KINCAID, 1981; SCOTT, 1992; *apud* AGUIAR, 2007). Em outro ponto de vista, há quem diga que as análises da Teoria em Rede permeiam todo o século XX e que, sobretudo, tem suas raízes há quatro séculos. A pesquisa de Recuero (2005), por exemplo, traz ao debate os modelos de estudo das Redes Complexas e sua aplicabilidade para as Redes Sociais na Internet. Essa estudiosa afirma que os passos da Teoria das Redes encontram-se, principalmente, nos trabalhos do matemático Æuler (séc. XVIII), criador do primeiro teorema da “Teoria dos Grafos”. Mas o que interessa a esta pesquisa não são os modelos e nem as categorias específicas criadas para o estudo das Redes, muito menos o levantamento das correntes de estudo desse fenômeno. Importa, sim, as considerações e julgamentos gerais sobre as Redes Sociais na Internet e o impacto da existência delas no mundo contemporâneo.

Se o estudo sobre elas se iniciou séculos atrás ou há algumas décadas, a expressão “Redes Sociais” para o fenômeno recente na internet só se tornou popular há, mais ou menos, uma década. Não que não existissem organizações baseadas na comunicação e informação, mas, como afirma Castells:

Não porque conhecimento e informação não sejam centrais na nossa sociedade. Mas porque eles sempre o foram, em todas as sociedades historicamente conhecidas. O que é novo é o facto de serem de base microelectrónica, através de redes tecnológicas que fornecem novas capacidades a uma velha forma de organização social: as redes. (2005, p. 17)

O que tem acontecido é que essa expressão vem sendo utilizada com frequência, tanto na mídia quanto em estudos acadêmicos, para se referir aos tipos de relações sociais virtuais e às páginas na internet em que se promovem essa sociabilidade. A expressão menciona relações e espaços não homogêneos, eles se diferenciam em dinâmicas e propósitos. De um lado, há nestas redes uma ampla variedade de “comunidades virtuais”. Por outro, inúmeras experiências de Redes Sociais constituídas nas práticas cotidianas e nas lutas sociopolíticas do “mundo real” (AGUIAR, 2007). Destarte os diferentes tipos de relações e as diferentes Redes criadas na internet, salienta-se aqui que o advento da “comunicação mediada pelo computador” e seu espalhamento através da apropriação das ferramentas técnicas proporcionadas pela Internet modificou profundamente o modo através do qual as pessoas se comunicam (RECUERO, 2009). Transversalmente a esses sistemas de redes, foram identificados atores/atrizes sociais e suas conexões como representativos dos laços e o capital social da sociedade contemporânea (RECUERO, 2005).

Isso porque, de acordo com Castells, o mundo está em processo de transformação estrutural desde, aproximadamente, duas décadas atrás. Um processo multidimensional associado à emergência de um novo paradigma tecnológico. Tecnologias de informação e comunicação (TIC's) que começaram a tomar forma nos anos 60 e se difundiram de forma desigual por todo o mundo. O mundo vem sendo sensível aos efeitos dos usos sociais da própria tecnologia e concomitantemente, a sociedade é que vem dando forma à tecnologia de acordo com suas necessidades, valores e interesses. Sendo assim, as relações e trocas informacionais em Rede são frequentemente associadas à construção de valor social, à interação e à consequente construção (e expressão) de Redes Sociais na Internet (AGUIAR, 2007) através do capital social (RECUERO, 2009).

Por isso, técnicas de análise das Redes utilizadas em pesquisas mais recentes vêm observando as Redes Sociais a partir dos seus “conjuntos de ações” e do seu processo de desenvolvimento num dado contexto sociohistórico. Tentam, assim, dar conta dos processos de “enredamento”, das características qualitativas que diferenciam os vínculos, e dos fatores que influenciam a dinâmica da rede ao longo do tempo (AGUIAR, 2007). A estrutura social de uma sociedade em rede resulta da interação entre o paradigma da nova tecnologia e a organização social num plano geral (CASTELLS, 2005).

As relações estabelecidas não são de indivíduos, mas, na maioria das vezes, são “representações” de um coletivo (AGUIAR, 2007). Além disso, estas Redes na internet “são cada vez mais amplas, complexas e estruturadas, e muitas percepções e comportamentos são formatados preferencialmente ou apenas nesse contexto” (AGUIAR, 2007). Elas permitem a visibilidade e a articulação das Redes Sociais reais, a manutenção dos laços sociais estabelecidos no espaço off-line (RECUERO, 2009).

Neste sentido, a Antropologia Cultural define essas Redes como um ciberespaço, um “campo” interativo de relações socioculturais gerado pelo ambiente digital da internet e pelas TIC's (AGUIAR, 2007). Este espaço não é um simulacro das Redes Sociais que se produzem no mundo real, todavia, não há como pensar nas redes reais e redes virtuais de forma separada. As duas se concatenam e formam um amplo e complexo conjunto de relações desenvolvido na interseção de ambas, ou seja, uma Rede Social “transfronteiras” nas quais ocorrem interações interculturais inusitadas, inéditas e generalizadas. Desta maneira, o “resultado gerado é um conjunto de relações que dependem tanto das redes reais quanto das virtuais” (LÓPEZ MARTÍNEZ, 2000; TÉLLEZ FERNÁNDEZ, 2002 *apud* AGUIAR, 2007, p. 4).

Reconhecendo a junção das realidades reais e virtuais na concepção das Redes Sociais, (AGUIAR, 2007) definiram-nas como aqueles sistemas que permitem a construção de uma persona através de um perfil ou página pessoal; a interação através de comentários; e a exposição pública da Rede Social de cada ator/atriz.

Outras acepções das Redes Sociais ponderam que são os atores ou atrizes sociais participantes delas e as conexões estabelecidas entre eles/as que as constroem (Wasserman & Faust, 1994; Degenne & Forsé, 1999 *apud* RECUERO, 2009). Ou ainda, que as Redes Sociais correspondem também às ligações horizontais entre os sujeitos, diretamente ou indiretamente. O resultado dessas ligações horizontais é uma “malha de múltiplos fios” que pode se espalhar de modo indefinido, sem que haja nós principais ou centrais, nem representante dos demais. Não há um “chefe”, o que há é uma vontade coletiva de realizar determinado objetivo (WHITAKER, 1993).

As Redes Sociais tornaram a comunicação social menos hierarquizada, abrindo portas para a comunicação em massa, “autocomandada”. Além do mais, permitiu a comunicação global e horizontal que permite a comunicação fora dos canais criados pelas Instituições de poder na sociedade, “constitui comunicação socializante para lá do sistema de *mass media* que caracterizava a sociedade industrial” (CASTELLS, 2005, p.24).

Tem-se ainda que as Redes Sociais sejam uma estrutura social operada pelas TIC’s, ou melhor, abalizadas na “microeletrônica” e em redes virtuais as quais geram, processam e distribuem informação a partir do conhecimento acumulado nos nós dessas redes. A Rede é a estrutura formal (RECUERO, 2005), um código de nós interligados e os nós são os pontos onde há também intersecção de uma rede em si própria. Segundo Castells:

As redes são estruturas abertas que evoluem acrescentando ou removendo nós de acordo com as mudanças necessárias dos programas que conseguem atingir os objectivos de *performance* para a rede. Estes programas são decididos socialmente fora da rede mas a partir do momento em que são inscritos na lógica da rede, a rede vai seguir eficientemente essas instruções, acrescentando, apagando e reconfigurando, até que um novo programa substitua ou modifique os códigos que comandam esse sistema operativo. (2005, p. 20).

Para Sônia Aguiar as Redes Sociais “são relações entre pessoas, estejam elas interagindo em causa própria, em defesa de outrem ou em nome de uma organização, mediadas ou não por sistemas informatizados” (2007, p. 2). A estudiosa define estas redes como artifícios de interação que visam algum tipo de mudança sensível na vida das pessoas, no coletivo e/ou nas

organizações participantes. São as relações habituais que caracterizam as Redes Sociais denominadas por essa autora como informais. Estas redes informais surgem aleatoriamente, sob as demandas das subjetividades, das indigências e das identidades. Elas podem ser compostas de forma intencional e seus participantes tendem a se articular tanto como indivíduos quanto como atores e atrizes sociais, neste caso “representando (ou atuando em nome de) associações, movimentos, comunidades, empresas etc.” (2007, p. 3).

Neste significado de Aguiar, toda rede possui uma temática de motivação e adesão, cujos desdobramentos em subtemas vão brotando ao longo do seu desenvolvimento. Desenvolvimento este que é tanto contínuo quanto descontínuo, rápido ou lento; que ora tem posições de aceleração, ora de desaceleração; que ao passo em que criam circunstâncias que animam a intercomunicação, criam igualmente aquelas as quais fragmentam ou estancam (2007). O que irá deliberar este desenvolvimento são os graus de participação dos sujeitos, isto é:

Do interesse dos integrantes na temática da rede e nos conteúdos nela veiculados; do fluxo de mensagens que estimulem a participação; das ações comunicativas que propiciam a interação dos nós; das barreiras e facilidades dos participantes para lidar com os meios e recursos de interação. (AGUIAR, 2007, p.8)

Neste sentido, as redes sempre tendem à fluidez ou a uma dinâmica não linear e a internet tem potencializado essa dinâmica. As Redes Sociais não são obrigatoriamente evolutivas, ou seja, ganham e perdem nós ao longo do seu percurso, assim como ocorrem mudanças qualitativas nos vínculos entre esses nós, sem que isso altere a sua identidade (AGUIAR, 2007).

Talvez seja por isso que as Redes Sociais se manifestam na transformação da sociabilidade, a qual é dinâmica, processual, inconstante, instável e também não linear. Essa transformação tem sido notada como muito benéfica para as relações sociais: “Estudos em diferentes sociedades mostram que a maior parte das vezes os utilizadores de Internet são mais sociáveis, têm mais amigos e contactos e são social e politicamente mais activos do que os não utilizadores” (CASTELLS, 2005, p. 23). Observa-se que estes sujeitos vão se envolvendo mais em interações face a face em todos os domínios das suas vidas reais. Da mesma maneira, as Redes Sociais fazem aumentar substancialmente a sociabilidade, particularmente, nos grupos mais jovens da população. “A sociedade em rede é uma sociedade hipersocial, não uma sociedade de isolamento” (CASTELLS, 2005, p. 23).

Alguns questionamentos e até asseverações são alçadas a propósito das simulações de identidade real e a criação de identidades virtuais nas Redes Sociais. Há quem acredite na montagem de diferentes personagens e vínculos interpessoais sem imperativos dos relacionamentos pré-existentes (AGUIAR, 2007). Para Rosen (2007) as Redes Sociais incluem agregar conhecidos eventuais ou mesmo “estranhos”, já que os atores e atrizes visam acumular *status* e os atributos dos/as “adicionados/as”. As Redes Sociais virtuais são um conjunto de vínculos predominantemente fracos e, portanto, as atividades que elas promovem são justamente aquelas “que os vínculos fracos fomentam, como rumores, boatos, mexericos, busca de pessoas e a trilha dos efêmeros movimentos da cultura popular e das modas passageiras” (ROSEN, 2007, p. 20).

Por outro lado, muitos/as cientistas sociais confiam que as pessoas, na sua maioria, não disfarçam a sua identidade na Internet. As pessoas integraram as tecnologias nas suas vidas, ligando a “realidade virtual” com a “virtualidade real”, vivendo em várias formas tecnológicas de comunicação, articulando-as conforme as suas necessidades. “A sociedade em rede é a sociedade de indivíduos em rede” (CASTELLS, 2005, p. 23).

O que não se pode esquecer é que, como já dito, as Redes Sociais permitem processos de “enredamento” e de construção de percepções e comportamentos na relação social da vida real, consolidando modificações na cultura, nas experiências, no aprendizado. A condição em que cada indivíduo participa de uma articulação influi qualitativamente na diligência da Rede. As Redes Sociais representam uma nova tendência de comunicação virtual e o Facebook é uma das Redes Sociais mais utilizadas em todo o mundo para interagir socialmente, são 1 bilhão de usuários em todo o mundo (FOLHA DE SÃO PAULO, acessado em 04 de outubro de 2012).

A interação nesta Rede surge essencialmente pelos comentários a perfis, pelo compartilhamento de informações e atividades, pela participação em grupos de discussão ou pelo uso de aplicações e jogos. O website é gratuito para os usuários que criam perfis contendo fotos e listas de interesses pessoais, trocando mensagens privadas e públicas entre si e participantes de grupos de amigos. A visualização de dados detalhados dos membros é restrita para membros de uma mesma Rede ou amigos confirmados. É um espaço de encontro, compartilhamentos, discussão de ideias e, provavelmente, o mais utilizado entre estudantes de Ensino Médio – a abrangência do Facebook no Brasil se aproxima a um terço (32,4%) da população de 201,1 milhões de pessoas. Avaliando somente a população com acesso a



internet, o Facebook abrange 82,32%. Os dados são da Socialbakers, empresa de estatísticas sobre mídias sociais (acessado em 2013).

O Facebook transformou-se não só num canal de comunicação e um destino para pessoas interessadas em procurar, partilhar ou aprender sobre determinado assunto, mas igualmente um meio de oportunidades de novas ferramentas para o Ensino Médio. Atualmente, as Redes Sociais fazem parte da vida cotidiana dos nossos alunos e alunas. A Rede é, provavelmente, o principal lugar de encontro, comunicação, partilha e intercâmbio de ideias entre os estudantes. Neste contexto, ainda em 2005, nos Estados Unidos, haviam 2000 colégios com comunidades no Facebook, sendo que 85% dos membros dos colégios suportados têm um perfil cadastrado no website e, dentre eles, 60% fazem login diariamente no sistema, 85% o faz pelo menos uma vez por semana e 93% o faz pelo menos uma vez por mês:

O Facebook suporta 882 colégios atualmente – existem, aproximadamente, 2000 nos U. S. se contarmos as comunidades escolares. O objetivo é suportar todos eles ao longo do tempo. A taxa de penetração é impressionante. 85% dos membros dos colégios suportados têm um perfil cadastrado no website e, dentre eles, 60% fazem login diariamente no sistema, 85% o faz pelo menos uma vez por semana e 93% o faz pelo menos uma vez por mês. De acordo com Chris Hughes, porta-voz do Facebook, as pessoas gastam em média 19 minutos por dia no Facebook <sup>8</sup>. (TECHCRUNCH, acessado em março de 2013)

#### **2.4. A Sociologia “Compartilhada” no Currículo do Ensino Médio Regular e “Curtida” em Temas Cotidianos do Facebook.**

Depois de ser banida do currículo em 1971 e substituída por Educação Moral e Cívica, a disciplina de Sociologia foi novamente agrupada ao currículo do Ensino Médio em junho de 2008, com a entrada em vigor da Lei nº 11.684. Em 18 de maio de 2009, a Lei teve edição com a Resolução CNE/CEN nº 1, a qual dispunha sobre a implementação dos componentes curriculares Filosofia e Sociologia ao longo de todos os anos do Ensino Médio, “qualquer que seja a denominação e a organização do currículo, estruturado este por sequência de séries ou não, composto por disciplinas ou por outras formas flexíveis” (BRASIL, 2009). Desde então, o ensino da disciplina nas três séries desta etapa de Ensino se tornou obrigatório, não

---

<sup>8</sup> Facebook supports 882 colleges today – there are about 2,000 in the U.S. if you count community colleges. Their goal is to support all of these over time. The penetration rate is staggering – about 85% of students in supported colleges have a profile up on FaceBook. That’s 3.85 million members. Chris tells me that 60% log in *daily*. About 85% log in at least once a week, and 93% log in at least once a month.

obstante, ela já fosse adotada em Instituições de Ensino Médio de 17 estados brasileiros (MEC, acessado em abril de 2013).

A nova legislação deu força de lei ao Parecer nº 38/2006, do Conselho Nacional de Educação (CNE), que tornava obrigatória a inclusão das disciplinas no currículo sem estabelecer, todavia, em que série deveriam ser implantadas. A Lei foi, além disso, uma alteração da Lei nº 9.394/1996, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), cuja exigência conformava apenas o domínio dos conhecimentos de Filosofia e de Sociologia necessários ao exercício da cidadania sem mencionar a obrigação das disciplinas no currículo escolar (MEC, acessado abril de 2013).

A carência de uma dimensão crítica e analítica foi a justificativa para a promulgação da Lei. Vê-se esse discurso, por exemplo, na fala da então presidente do CNE, Clélia Brandão Alvarenga Craveiro, sobre as decisões tomadas em sua época:

Não dá para deixar esse trabalho para fazer depois, quando o estudante chegar à universidade”, diz. Em sua opinião, a escola precisa trabalhar com a metodologia investigativa desde o início e, no ensino médio, os conteúdos de filosofia e sociologia, temas que são extremamente importantes do ponto de vista da cultura escolar, também proporcionam uma metodologia muito mais intensiva em relação ao aspecto de refletir e tomar decisões a partir de uma análise da realidade. (MEC, acessado em abril de 2013)

Considerou-se, assim, que os conteúdos da Sociologia fossem importantes devido ao estímulo e desenvolvimento das relações humanas e da construção da cidadania. Como ao cidadão e à cidadã são impostos grandes desafios para enfrentar a complexidade do mundo contemporâneo, é de grande valia que ele ou ela tenha conhecimentos sobre este mundo, saiba selecionar as informações que recebe e consiga refletir sobre essas informações.

A visão sobre a finalidade da disciplina na Educação Básica é compartilhada por diversos autores autoras. Machado (1987), em um levantamento preliminar do Ensino da Sociologia na “Escola Secundária” brasileira, definiu-a com capacidades de permitir aos educandos a compreensão geral de sua sociedade. Para ele, este componente curricular condiciona ao aluno e aluna os seguintes tópicos do conhecimento quanto às relações sociais:

O seu processo político, economia política, inserção internacional, problemas sociais, processo cultural, movimentos sociais, correntes ideológicas, partidos políticos, etc., mas não como realidades soltas, justapostas ou estéreis, e sim como uma totalidade, em seu funcionamento e em suas contradições; complexa mas não incompreensível; com sua história

passada mas também com sua lógica atual de funcionamento e suas contradições (que apontam para o futuro) (p. 115).

Perspectivas muito coniventes com os ensinamentos de Florestan Fernandes, sociólogo a frente das principais discussões dirigidas à implantação da disciplina na Educação Básica do Brasil e quem, por ocasião do I Congresso Brasileiro de Sociologia, em 1954, escreveu um texto intitulado “O ensino de sociologia na escola secundária brasileira”. Na abertura do mesmo Congresso, o cientista social expôs a importância do ensino da Sociologia na Escola Secundária brasileira como um dos meios de formação do indivíduo cidadão, capaz de compreender e atuar criticamente diante dos dilemas da moderna sociedade urbano-industrial. A exposição foi elaborada dentro do contexto histórico do debate político sobre o desenvolvimento nacional da década de 1950, da necessidade de construção de canais democráticos de participação nos rumos do desenvolvimento social e da preocupação com o exercício da reflexão crítica pelo homem e mulher comuns (COSTA, 2011).

Acreditava o intelectual que o ensino das Ciências Sociais é uma condição elementar para orientação do comportamento humano, já que potencializa a compreensão da relação entre os meios e os fins, em qualquer setor da vida social. Sendo assim:

A transmissão dos conhecimentos tecnológicos se liga à necessidade de ampliar as esferas dos ajustamentos e controles sociais conscientes, na presente fase de transição das sociedades ocidentais para novas técnicas de organização do comportamento humano (FERNANDES, 1955, p. 102).

Florestan Fernandes denunciava que o Ensino da Sociologia era um desafio aos diversos interesses dos donos e donas do poder e dos empresários e empresárias da Educação, que esforçavam por limitar a transmissão de saberes às aspirações mais imediatas de ingresso nas universidades. Desafios, aliás, ainda presentes no país depois de passados quase 60 anos em que o sociólogo abraçou o debate sobre a inclusão da disciplina no currículo da “Educação Secundária”. Permanece hoje a barreira do conteúdo das matérias, os quais são direcionados não para a formação do indivíduo como cidadão crítico, mas para o doutrinamento restrito à aprovação nos exames de entrada no nível superior (COSTA, 2011).

O currículo de Sociologia tende a reproduzir o velho padrão enciclopédico do Ensino brasileiro, do método “decoreba”, da coletânea regrada de teorias e nomes importantes, deixando de lado o uso da reflexão sociológica na abordagem da formação histórica e social, das desigualdades de classe, raça e gênero. Contudo, como bem lembrou Florestan Fernandes, o ensino e aprendizagem na sala de aula devem estar ligados ao processo constante de vivência, ao acúmulo de experiências na realidade em que cada indivíduo se encontra:

A formação da personalidade constitui um processo que não começa na escola e que, portanto, não encontra nela um termo certo. Da escola primária à universidade esse processo se desenrola em continuidade, sofrendo aqui e ali interrupções de sentido ou alterações do conteúdo das experiências, mas se subordinando à forma de um crescimento orgânico. Quanto à escola secundária brasileira, não é difícil perceber-se qual seria a contribuição das ciências sociais para a formação de atitudes cívicas e para a constituição de uma consciência política definida em torno da compreensão dos direitos e deveres dos cidadãos. Em um país diferenciado demográfica, econômica, cultural e socialmente, um adestramento adequado, vivo e construído através de experiências concretas, sobre as condições materiais e morais da existência, constitui um meio por excelência de socialização (1955, p. 103).

Perante esses argumentos, “a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL, 1996) e a recente aprovação da obrigatoriedade do ensino de Sociologia nas escolas de Ensino Médio tem imposto, cada vez mais, a urgência da discussão a respeito dos conteúdos programáticos e a verdadeira função desta disciplina nas escolas.

Por outro lado, a oferta de materiais didáticos e paradidáticos e a formação de professores e professoras para lecionar nesta etapa de Ensino aumentam as demandas para a implantação efetiva da Lei (BRASIL, 2011). O ponto específico da licenciatura em Ciências Sociais reúne questões aprofundadas relacionadas à antiga demarcação de poderes em nossa sociedade. Há uma hierarquia entre os *campus* escolar e acadêmico-científico, de modo que aquele aparece como *inferior* e este como *superior*. Essa constatação foi assinalada por Bourdieu que, em entrevista à Menga Ludke, ampliava sua crítica aos sociólogos que abandonaram o objeto "educação" para os pedagogos, abrindo até mão dessa especialidade - Sociologia da Educação - para os educadores e educadoras (1991). De acordo com Bourdieu, isso acontece porque a Escola reproduz a divisão de poderes presente na estrutura da sociedade:

Não há nenhuma contradição, nem teórica nem política, no fato de dizer que o sistema escolar contribui (é esta a palavra importante) para reproduzir a estrutura social, e o fato de tentar transformá-lo para neutralizar alguns de seus efeitos. Digo exatamente que *contribui*, em parte que varia segundo os momentos, segundo as sociedades. (LÜDKE, 1991, p. 4)

Infelizmente, a carência da formação de professores e professoras de Sociologia para o Ensino Médio, além de coadunar com a divisão dos *campus* de Bourdieu, não representa um problema isolado na conjuntura escolar brasileira. Também faltam professores e professoras de outras disciplinas como Física, Química, Matemática, Biologia, Português e Artes.

Segundo dados do último censo escolar (MEC, acessado em abril de 2013), cerca de 350 mil professores em exercício não possuem formação em nível de graduação e, aproximadamente, 300 mil atuam em área diferente daquela em que se graduaram.

Mas, particularmente, quando se propõe refletir sobre a história do ensino das Ciências Sociais/Sociologia enreda-se por um caminho cruzado pelo campo das ciências e pelo campo da educação. O modo como o Brasil constituiu seu sistema de Educação e seu sistema científico e como cada área se desenvolveu no interior desses sistemas é, na verdade, elemento importante da análise da Sociologia na Escola e seu pertencimento ao sistema de reprodução cultural.

Ainda que os parâmetros da Lei indiquem o aprimoramento do/a estudante como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico, bem como a preparação básica para o trabalho e a cidadania, entre outras (GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL, acessado em março de 2013), a prática ainda encara dificuldades em preparar nossa juventude para manipular técnicas racionais e sensíveis de tratamento das questões econômicas, culturais, políticas e sociais do Brasil. Mas em teoria, há o reconhecimento das finalidades do Ensino Médio na constituição do sujeito social e humano.

No Distrito Federal, por exemplo, lugar onde se encontra a escola a qual serviu à pesquisa empírica deste estudo, as diretrizes curriculares do Ensino Médio, etapa final da Educação Básica, preveem como objetivo proporcionar aos/às estudantes uma formação geral que lhes possibilite a continuidade dos estudos e o ingresso no mercado de trabalho, porém, vê-se a atenção à realidade social e política, especialmente do Brasil, conforme também já havia estabelecido a LDB, em seu artigo 26, §1º (GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL, acessado em março de 2013). No entanto, Prado (2012) levantando como problemática inicial as possibilidades e desafios para estabelecer um programa nacional de ensino com princípios norteadores que garantam o mínimo de consenso e convergência para a Sociologia enquanto disciplina escolar garante que esta ciência como disciplina curricular da Educação Básica no Brasil não revela ainda um mínimo de convergência de objetivos e de consenso prático do que seria um programa curricular nacional que aborde a realidade social dos brasileiros e atenda as demandas científicas da Sociologia. Assim, o autor revela:

Embora o Ministério da Educação (MEC) tenha elaborado os PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais, que é um conjunto de documentos que indicam as bases teóricas que instruem a docência de cada uma das

disciplinas no plano nacional, ainda não se observa na disciplina de sociologia uma prática orientadora que convirja a atuação dos professores de sociologia com pelo menos o mínimo de consenso do que deve ser ensinado e como deve ser ensinado. Inúmeras razões e repostas podem ser pensadas para essa questão, porém, o momento do processo de institucionalização e legitimação da sociologia demanda urgentemente por um consenso que estabeleça as prioridades do que deve ser ensinado e como deve ser ensinado, estrategicamente esse deve ser o foco dos futuros esforços dos professores de sociologia e cientistas sociais (PRADO, 2012, p. 03).

O ensino de Sociologia na Educação Básica revela que ainda há o rigor das matérias ensaiadas, carregadas de teorias e sem importância à prática, de conteúdos e formas que seleciona o que deve ser ensinado e como deve ser ensinado, de falta do despertar para a realidade da juventude que recebe os ensinamentos dessa disciplina. Como apontou Prado (2012), isso indica um processo de “disciplinarização”, o qual em si não constitui um problema, talvez, os principais empecilhos residam na forma com que são “recontextualizadas” as prioridades do que deve ser selecionado.

Observados os problemas, há de se salientar o avanço na instauração da Sociologia no currículo da Educação Básica. O sucesso da efetivação plena dessa disciplina pode demorar algum tempo ainda, todavia, o propósito de uma orientação geral para o espírito crítico e a reflexão autônoma dos e das estudantes com alicerce de um conhecimento mais aprofundado dos determinantes e dinamismos da sociedade tem avançado cada vez mais e sendo parte dos ensinamentos construídos em sala de aula. À propósito, é esse espírito crítico e a reflexão autônoma os objetos de busca da “análise de conteúdo” dos registros adquiridos no Grupo Focal exposto no capítulo a seguir.

### **3. METODOLOGIA**

Feitas as discussões do arcabouço teórico, determinou-se para esta pesquisa o seu nível, tipo e abordagem; e os procedimentos de coleta, tratamento, análise e apresentação de dados, com as caracterizações do ambiente e dos participantes da pesquisa. Esses tópicos foram selecionados para compor a metodologia a qual guiou o exame de como alunos e alunas de uma turma de terceiro ano do Ensino Médio estão aproveitando os conteúdos ministrados na disciplina de Sociologia em suas negociações de sentidos e representações discursivas na Rede Social na qual ele ou ela participa no Facebook. Ver-se-á neste capítulo como a pesquisa foi conduzida, que técnicas e métodos foram empregados para se chegar à análise da manifestação dos estudantes nas interações consolidadas no Facebook quanto aos termos, conceitos, ou pressupostos pertencentes aos parâmetros curriculares da Sociologia no Ensino Médio. Serão apresentados também o lugar e as pessoas as quais serviram de universo de estudo das investigações. Poderá se conferir que o Grupo Focal foi a técnica selecionada para se obter os dados buscados na pesquisa. Enfim, tomar-se-á nota das conclusões obtidas depois de seguidos todos os passos do caminho investigativo.

#### **3.1. Nível, Tipo e Abordagem da Pesquisa.**

Como assentado por Castells, “o que a sociedade em rede é actualmente não pode ser decidido fora da observação empírica da organização social e das práticas que dão corpo à lógica da rede” (2005, p.20). Essa afirmação justificou o Grupo Focal realizado com uma turma de terceiro ano do Centro de Ensino Médio Integrado ao Ensino Profissional do Gama, CEMI, para verificar como a teoria discutida nos capítulos acima se encaixa à análise prática da forma em que os/as estudantes relacionam o conteúdo da disciplina de Sociologia com informações veiculadas pela Rede Social na qual ele ou ela participa no Facebook.

O Grupo Focal incorporou a metodologia escolhida para realização deste trabalho como imprescindível para se alcançar os objetivos da pesquisa. Antecedente a ele, foi definido que o nível da pesquisa seria exploratório, já que esse nível atenderia ao tema ainda inexplorado da investigação e o seu caráter de estudo preliminar. Desta maneira, buscou-se familiarizar-se com o fenômeno investigado, de modo que pesquisas subsequentes pudessem ser concebidas com maior compreensão e precisão. Devido a isso, as conclusões obtidas em todo o estudo e,

inclusive, na pesquisa de campo, foram tratadas como preâmbulos, com grandes chances de transformações e melhorias.

Juntamente ao nível exploratório, se utilizou a abordagem qualitativa. O motivo deveu-se à intenção de se coletar informações concretas sobre o problema, ao passo em que se discutissem, teórica e subjetivamente, os dados coletados e as teorias as quais guiaram a investigação.

Como tipo de pesquisa, optou-se pela bibliográfica e a empírica, com emprego da técnica de pesquisa do Grupo Focal.

### **3.2. Procedimentos de Coleta dos Dados.**

A preparação para esta pesquisa se iniciou no ano de 2012 com a leitura de diversos materiais sobre o tema geral da relação entre a Educação e as Redes sociais. O levantamento de teorias, estudos e discussões sobre o assunto levou à demarcação de um problema de pesquisa mais elaborado e focado que, conforme já exibido, se definiu em: como alunos e alunas do Ensino Médio estão utilizando os conteúdos trabalhados na disciplina de Sociologia em suas negociações de sentidos na Rede Social na qual ele ou ela participa no Facebook. Para coleta e registro de dados dessas leituras, foram feitos diversos fichamentos dos textos.

O fichamento é uma prática de redação que ajuda a organizar estudos e pesquisas. Agrega em suas características o resumo do documento ou texto consultado, suas referências, sua localização física e metodológica de arquivamento para posterior recuperação de todas as informações necessárias à pesquisa e construção da fundamentação teórica. Como apontado por Andrade: "Sublinhar é a técnica indispensável não só para elaborar esquemas e resumos, mas também para ressaltar as idéias importantes de um texto, com as finalidades de estudo, revisão ou memorização do assunto ou mesmo para utilizar em citações" (1997, p.23).

O fichamento foi o primeiro procedimento de coleta dos dados desta investigação o qual permaneceu frequente em todo o processo de pesquisa. Para acompanhá-lo, decidiu-se aplicar a técnica de pesquisa do Grupo Focal como realização da parte prática da pesquisa.

Um Grupo Focal é uma técnica de pesquisa organizada em uma discussão estruturada para se obter informação relevante de um grupo de pessoas sobre um tópico específico. O objetivo do Grupo Focal é recolher informação sobre os sentimentos, valores e ideias das pessoas, e não



obter consenso, nem tomar decisões (THE COMMUNITY TOOLBOX, acessado em 28 de fevereiro de 2013). Neste trabalho, a técnica de pesquisa serviu para descobrir e aprofundar as análises sobre como os alunos e alunas relacionam o conteúdo da disciplina de Sociologia com negociações de sentido veiculadas pela Rede Social em que participam no Facebook. Não houve preocupação com a concordância ou não às ideias apresentadas; as perguntas feitas privilegiaram a dificuldade de serem respondidas de outra maneira; e visou-se complementar o conhecimento adquirido através do levantamento bibliográfico sobre o tema. Respeitando a finalidade dessa técnica de pesquisa, não se compôs o Grupo Focal como o primeiro passo no processo de recolha de dados. Ele foi utilizado após se determinar, com base na Teoria das Ciências Sociais e Humanas, a conceituação e discussão do que são Redes Sociais e sua importância no mundo contemporâneo; compreender, com suporte das Teorias da Educação, a realidade escolar atual e a identidade do jovem contemporâneo; e, por fim, descrever de forma resumida a implantação da Sociologia no Ensino Médio e a finalidade da incorporação desta disciplina ao currículo. Discussões, a propósito, já apresentadas nos capítulos anteriores.

O Grupo Focal aconteceu no dia 06 de março do ano de 2013, com duração de 1h30min. Eram 38 estudantes participando do grupo, mais uma mediadora e uma professora a qual foi convidada para acompanhar o debate e escrever as falas e tópicos importantes do episódio. Com a permissão de todos/as integrantes, o momento também foi registrado em vídeo e gravação de áudio. Estes apontamentos e gravações permitiram fazer a transcrição detalhada dos depoimentos e, posteriormente, a análise minuciosa dos dados.

O Grupo Focal foi iniciado com uma explanação sobre os objetivos previstos na técnica e a apresentação da finalidade da pesquisa. Para abertura das questões de debate, primeiramente, se averiguou quantos dos participantes têm Facebook e a frequência de acesso à Rede. Em seguida, propôs-se uma questão geral sobre a assimilação de algum conteúdo da disciplina de Sociologia em post's, assuntos ou discussões presentes no Facebook e elencaram-se dois temas motivacionais para sequência do debate, os quais eram: Raça e Etnia; e Gênero e Sexualidade. Destes temas, perguntas foram criadas como ponto de partida das discussões desenvolvidas pelos participantes. Encerrou-se o Grupo Focal com a solicitação da avaliação da técnica pelos participantes, pelo requerimento de sugestões de melhoria em possíveis aplicações futuras da técnica e com agradecimentos pela contribuição de todas e todos.

É importante salientar que, embora tenha se programado lançar três assuntos para debate, com acréscimo do tema “Estratificação Social”, o tempo e o desenrolar da técnica não permitiram a discussão dele.

### **3.3 Procedimentos de Tratamento dos Dados.**

Com os fichamentos dos textos, as gravações de vídeo, áudio e apontamentos do Grupo Focal em mãos, partiu-se para a organização dos dados e execução do tratamento deles. Primeiramente, dividiram-se os fichamentos dos textos em: documentos a serem descartados da pesquisa; documentos mais importantes para a pesquisa; separação de documentos por tópicos de análise. Quanto à última divisão, organizaram-se os registros de acordo com os itens trabalhados na fundamentação teórica e na metodologia da pesquisa. Desta maneira, a separação dos materiais teóricos foi definida pelas seguintes matérias: realidade escolar “atual”; identidade do jovem contemporâneo; conceituação e discussão do que são Redes Sociais e sua importância para o mundo contemporâneo; implantação da disciplina de Sociologia como componente curricular do Ensino Médio; arcabouço metodológico.

Posteriormente, fez-se um esboço para a congregação das ideias de cada autor e de algumas conclusões alcançadas na pesquisa bibliográfica. Tinha-se, com isto, o plano para o referencial teórico.

Adiante com a pesquisa, reuniram-se os registros do Grupo Focal e iniciou-se a transcrição das falas, depoimentos e discussões dos participantes. Após esta fase, agruparam-se as ocorrências de ideias, termos, conceitos e pressupostos os quais estabeleciam vínculo com os conteúdos da disciplina de Sociologia no Ensino Médio. Para levantamentos dessas categorias, utilizou-se a “análise de conteúdo” proposta por Bardin, cuja definição como método traz um conjunto de técnicas de análise das comunicações com procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens (2009).

Iniciou-se neste ponto a vicissitude das hipóteses e da interpretação. “Isto porque a análise de conteúdo se faz pela prática” (BARDIN, 2009, p.51). Foram observadas ocorrências, recorrências, complementariedades, discrepâncias, contradições nas falas dos alunos e alunas que sugeriram os resultados a serem apresentados a seguir. Não se estabeleceu os conceitos que se buscava de antemão, já que a teoria sociológica é extensa e os conceitos ou construções feitas em sala de aula são inúmeros. No entanto, com a base da formação em Sociologia e a

experiência na docência a autora foi capaz de relacionar a “análise de conteúdo” à disciplina em questão na investigação.

Em se tratando da descrição do método de pesquisa, um dos tipos da “análise de conteúdo” de Bardin se determina por testes de associação de palavras (estereótipos e conotações). Dado o exposto:

Compreende-se que este teste no referencial sobre AC é utilizado para fazer surgir espontaneamente associações relativas às palavras exploradas ao nível dos estereótipos que criam. Em suma, a aplicação do teste, segundo Bardin, é simples. Recomenda-se que os sujeitos associem, livre e rapidamente, a partir da audição das palavras indutoras (estímulos), outras palavras (respostas) ou palavras induzidas. (FARAGO & FOFONCA, acessado em maio de 2013)

Outro tipo é o classificatório o qual aborda respostas a perguntas abertas de um questionário. Trata-se de examinar as respostas a um inquérito que explora as relações psicológicas que o indivíduo mantém com o elemento avaliado.

O método e as técnicas destes tipos de “análise de conteúdo” se ordenam em: organização da análise; codificação de resultados; categorizações; inferências; e, por fim, a informatização da análise das comunicações. A ordenação é fruto da necessidade de aplicabilidade coerente do método, já que, de acordo com os pressupostos de uma interpretação das mensagens e dos enunciados, a “análise de conteúdo” deve ter como ponto de partida uma organização. Por isso Bardin define fases para a “análise de conteúdo”, são elas: pré-análise; exploração do material; e tratamento dos resultados, isto é, a inferência e a interpretação (2009, p.121).

A escolha do método de Laurence Bardin ancorou-se no rigor metodológico, visto que há uma organização propícia à aplicação dele.

### **3.4. Procedimentos de Análise e Apresentação dos Dados.**

#### **3.4.1. Caracterização do Ambiente Onde Ocorreu a Pesquisa.**

A contextualização da investigação foi a própria escola de trabalho da professora-autora desta pesquisa, uma escola da rede da Secretaria de Educação do Distrito Federal, o Centro de Ensino Médio Integrado à Educação Profissional do Gama. O CEMI é uma escola cuja

organização do Projeto Político Pedagógico se fundamenta num novo modelo de Educação que é, justamente, a promoção do currículo e formação no Ensino Médio aliada às necessidades do mundo contemporâneo, à evolução e interação cada vez maior com as diversas tecnologias e sua participação no mercado de trabalho (CEMI, 2012). Oferta-se nesta instituição o Ensino Regular e o Curso Técnico em Informática em período integral. Portanto, veio a calhar o perfil deste público alvo como sujeitos participantes, ativamente, das tecnologias de informação e socialização nos espaços das Redes Sociais, sobretudo, do Facebook.

Os atributos da escola como inserida nas tecnologias de informação e comunicação, como a característica peculiar da escola em questão, estão pautadas na conjuntura atual do mundo globalizado, mundo em que, de acordo com Alarcão:

(...) Emerge em vários setores socioculturais a consciência da especificidade e da particularidade, como se quiséssemos proteger-nos de uma estandardização neutralizadora daquilo que nos é específico. Sem deixar de partilhar com as outras escolas do planeta a universalidade da sua dimensão instrutivo-educativa e socializante, cada escola tende a integrar-se e a assumir-se no contexto específico em que se insere, isto é, tende a ter uma dimensão local, a aproximar-se da comunidade. Mantém-se, porém, em contato com a aldeia global de que faz parte e partilha com todas as outras escolas do mundo a função da socialização que as caracteriza. Sem deixar de ser local, a escola é universal. As novas tecnologias da informação e da comunicação abrem vias de diálogo e oportunidades de cultivar o universal no local. (2001, p.21)

### **3.4.2. Caracterização dos Participantes da Pesquisa.**

Para aplicação da técnica em questão, foi escolhido o público alvo específico de alunos e alunas da rede pública, com idades entre 13 e 18 anos, que estão cursando o último ano do Ensino Médio.

Por acompanhar estes/as estudantes desde sua entrada no CEMI, no primeiro ano do Ensino Médio, observou-se a grande participação destes nas atividades diárias do Facebook. Inclusive, a própria autora desta pesquisa mantém contato constante com os mesmos alunos/as através das Redes Sociais e utiliza o Facebook como veículo de comunicação profissional e pessoal com eles/as. Estas ocorrências e observações levaram à curiosidade de como essa juventude tem interpretado as práticas cotidianas estabelecidas nas Redes Sociais aos

conteúdos vistos na escola, especialmente, aqueles vistos na disciplina de Sociologia. As pesquisas bibliográficas e o Grupo Focal foram consequências da observação da peculiaridade dessa “Juventude Semiúrgica” e da convivência com o “sistema de significados” deles/as.

A apresentação da subjetividade destes participantes como pertencentes à “Juventude Semiúrgica” já foi feita no capítulo *Senhoras e Senhores, com Vocês a “Juventude Semiúrgica” em Representações da “Sociedade do Espetáculo”!*

### **3.4.3. Análise dos Resultados.**

Em análise do Grupo Focal, o primeiro levantamento feito foi quanto à quantidade de participantes os quais tinham Facebook e à frequência de acesso à Rede. Como esperado, todos disseram ter um perfil na página, sendo que 20 afirmaram entrar todos os dias na Rede, 9 entram três vezes por semana, 1 acessa uma vez por semana e 1 aluno disse acessar uma vez ao mês (7 pessoas não responderam). Além de esses dados corresponderem à expectativa, ele confirmou a asseveração de Anderson (2007 *apud* PATRÍCIO & GONÇALVES, 2011) de que a internet tem vindo, gradualmente, a abandonar as suas origens de ferramenta de escrita e leitura, e a entrar numa fase cada vez mais social e participativa. Essa fase tem apoio significativo da “Juventude Semiúrgica”, a qual se configura por uma “Condição Juvenil”, uma geração diferenciada no que se refere ao predomínio do tempo presente e à relação com as tecnologias de comunicação. Patrício e Gonçalves (2011), em estudo sobre o Facebook como uma Rede Social educativa, já havia mencionado que a internet se transformou numa plataforma simples e fácil de usar, correspondendo aos interesses e necessidades pessoais de alunos e alunas e beneficiando a inteligência coletiva.

Colocadas as questões de averiguação da participação no Facebook, indagou-se sobre a possibilidade de os participantes do Grupo Focal já terem conseguido assimilar algum conteúdo da disciplina de Sociologia em post’s, grupos ou discussões presentes na Rede Social da qual fazem parte. Acompanhados de 7 abstenções, 29 estudantes confirmaram já terem conseguido assimilar o conteúdo de Sociologia em atividades no Facebook e 2 disseram nunca terem conseguido a assimilação. O curioso foi constatar que, mesmo havendo abstenções e negações quanto à relação da Sociologia com as atividades do Facebook, foi unânime a afirmação de participação (curtir, compartilhar, comentar) em assuntos referentes à Sociologia. Essa constatação deveu-se ao fato de, posteriormente ao questionamento sobre

assimilação da Sociologia com as atividades da Rede Social, terem sido oferecidos para debate os dois temas específicos das Ciências Sociais: Raça e Etnia; e Gênero e Sexualidade.

Além da participação unânime em atividades sobre os dois temas, 10 alunos revelaram seguir páginas e grupos sobre o tema “Gênero e Sexualidade”, enquanto 9 seguem o tema “Raça e Etnia”. O que se pôde concluir com o pequeno desacordo nas respostas e os debates criados em torno dos temas lançados é que não há possibilidade de assegurar que exista relação direta do conteúdo da disciplina de Sociologia nas Redes Sociais dos alunos/as pesquisados/as, mas a “análise do conteúdo” dos debates promovidos demonstrou que os/as estudantes conseguem negociar os sentidos neste espaço e identificar diversos temas da Sociologia no Facebook, inclusive, são munidos de argumentos para discutir esses temas. Ou melhor, não chegam a dar explicações pautadas na concreta descrição das teorias, fazer referências diretas ao que viram na escola, porém, há em suas falas a presença constante do que foi trabalhado durante sua permanência no Ensino Médio e a presença do desenvolvimento no aprendizado. Isso pode ser examinado nesta declaração:

Tem muitas páginas que falam sobre coisas de todas as matérias da escola, mas depende do que o aluno curte ou segue. Eu tenho umas páginas sobre Educação no meu Facebook que me ajudam em várias matérias da escola. Biologia, Matemática... Assim, antes ou depois do professor dar a aula. Eu vejo e penso: olha, isso tem a ver com o que o professor falou! Tem também uns grupos sobre concursos públicos e lá a gente recebe um monte de dicas. (PEDRO, Grupo Focal realizado no dia 06/03/2013)<sup>9</sup>

Viu-se que, em muitos momentos, os alunos e alunas não percebem sua carga de conhecimento da disciplina os ajudando a construir opiniões sobre determinadas discussões ligadas à Sociologia, no entanto, como descrito por Geertz e já citado neste trabalho, a composição do saber é um “sistema” ou “teia de significados” traçada ao longo das experiências humanas gerais (1989). Ainda que muitas vezes inconscientes, o aprendizado e a concepção do mundo se aproveitam de todos os signos partilhados ao longo da vida e emaranhados de vivências para definir o ponto de vista que cada sujeito terá sobre alguma coisa. Sendo assim:

Deve-se atentar-se para o comportamento, e com exatidão, pois é através do fluxo do comportamento – ou, mais precisamente, da ação social – que as formas culturais encontram articulação. Elas encontram-na também,

---

<sup>9</sup> Procurando não expor os/as estudantes, os nomes usados para citar trechos de falas do Grupo Focal são fictícios.

certamente, em várias espécies de artefatos e vários estados de consciência. Todavia, nestes casos, o significado emerge do papel que desempenham no padrão de vida decorrente, não de quaisquer relações intrínsecas que mantenham umas com as outras. Quaisquer que sejam, ou onde quer que estejam esses sistemas de símbolos “em seus próprios termos”, ganhamos acesso empírico a eles inspecionando os acontecimentos e não arrumando entidades abstratas em padrões unificados. (GEERTZ, 1989, p. 25)

E foram os comportamentos, o uso de termos, conceitos ou pressupostos diante dos temas escolhidos para a reflexão coletiva o alvo de análise do Grupo Focal. Como estudantes, os/as partes da técnica de pesquisa em exposição não eram capacitados/as a narrar profundamente a sua negociação de sentidos dos conteúdos da Sociologia com as atividades do Facebook. Claro, uma meditação pormenorizada desta relação dependeria de estudos peculiares. O que se poderia apreender era, de fato, os “artefatos”, as pistas para a presença do conhecimento sociológico na maneira como esses jovens interpretam as ações cotidianas de sua Rede Social no Facebook, bem como recomendado na “análise de conteúdo” de Bardin:

Conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens. (...) A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não). (2009, p. 38)

A análise desse grupo de jovens exigiu, então, “uma adivinhação dos significados, uma avaliação de conjecturas, um traçar de conclusões explanatórias a partir das melhores conjecturas e não a descoberta do Continente dos Significados e o mapeamento da sua paisagem incorpórea” (GEERTZ, 1989, p. 26). Obviamente, misturadas às “teias de significados” estavam informações da ciência sociológica, das formas culturais gerais, da “especificidade” complexa de cada indivíduo e a “circunstancialidade” de todos eles/as. Portanto, as discussões sobre os temas e perguntas apresentadas permearam o aprendizado da escola e o “senso comum”<sup>10</sup>. Tanto no que se refere aos julgamentos e conhecimentos sobre cada tema, quanto aos rumos que foram tomando o debate. Desta forma, sugeriu-se, como relatado, dois temas amplos, Raça e Etnia, e Gênero e Sexualidade. Contudo, o grupo dirigiu a conversa para subtemas cuja discussão na sociedade é polêmica, ou cuja atualidade dos mesmos ou sua aproximação com a realidade e o estágio de vida dos alunos e alunas os/as

---

<sup>10</sup> O uso do termo “senso comum” aqui não desmerece o seu valor como uma forma de conhecimento e explicação do mundo. Se aceita, no entanto, que essa maneira de definição das coisas se diferencia da estrutura da ciência e das suas diversas áreas do conhecimento.

fizeram se apropriar deles. Entendeu-se, aliás, que é essa a característica das atividades nas Redes Sociais destes jovens as quais se relacionam aos conteúdos de Sociologia. Esse entendimento pode ser respaldado pelas falas de alguns jovens:

Eu gostei desse momento. Eu acho que a gente tinha que ter mais disso porque eu acho que o Facebook é um lugar para a gente ver debates polêmicos como o aborto, as cotas, como também para a Educação. Sei lá, se têm esses debates a gente pode divulgar e organizar movimentos em favor da informação e da Educação. (PAULO, Grupo Focal realizado no dia 06/03/2013)

A gente fala mais sobre esses assuntos, tipo, curte, compartilha, porque, por exemplo, “as cotas” é assunto recente, ou porque é o que tá presente na nossa vida agora. (JOÃO, Grupo Focal realizado no dia 06/03/2013)

A Sociologia, como disciplina do Ensino Médio, não tem apenas a finalidade de ser um dos meios de desenvolvimento social ou de formar o cidadão e cidadã, como apontam as ideias de Florestan Fernandes, mas tem o compromisso de introduzir debates na escola relativos à discriminação racial ou de gênero, aos movimentos sociais e às inúmeras outras questões candentes da contemporaneidade (PRADO, 2012). Isso quer dizer que, se as questões sociológicas mais polêmicas são as mais discutidas no Facebook, são elas mesmas que demandam maiores reflexões e envolvimento da sociedade, nomeadamente, da juventude. Por outro lado, se se observa a preocupação dos jovens em conjeturar no Facebook os assuntos ditos polêmicos, a Sociologia na Escola deve orientar a formação de cidadãos e cidadãs capazes de se integrar, crítica e conscientemente, nesses desafios da sociedade, até porque esses tópicos são tratados pelas múltiplas óticas da sociedade, o que exige peneiramento das lógicas assentadas sobre os assuntos e reflexão para a tomada de partido sobre eles. Com esse argumento um aluno concorda que:

Eu me coloco contra o aborto, mas esse negócio é complicado porque além de envolver discussões sobre estupro, tem a pílula do dia seguinte, a camisinha, também envolve questões religiosas. (PAULO, Grupo Focal realizado no dia 06/03/2013)

Por isso a estrutura e a dinâmica da comunicação social são essenciais na formação da consciência e da opinião, e a base do processo de decisão política. É na comunicação que se apreende, se pondera e se divulga novas opiniões para meditação. Percebeu-se no Grupo Focal que a comunicação estabelecida no Facebook tem correspondido ao fim da Sociologia. Ao conversarem sobre os temas sugeridos, os/as participantes se posicionaram criticamente e demonstraram terem se beneficiado com a construção de saberes da escola e continuada na



comunicação desenvolvida nas Redes Sociais ou fundada na cultura e nos valores da sua sociedade.

Tipo, lá no Face, eu acompanhei o acontecimento do Silas Malafaia, a entrevista com a Marília Gabriela, e isso me fez mudar de ideia sobre o assunto. Tinha uns vídeos sobre o assunto que me informou sobre coisas que eu não sabia. Eu não concordo com ele, mas eu acho que o problema é essa coisa das pessoas falarem o que não sabem. A pessoa não entende, ela não fala. Ela tem que ir atrás de informação pra falar, senão ela fica só reproduzindo opinião. Eu vi as coisas lá no Face e fui atrás de entender o que tava acontecendo. Assim, é importante. Existe pesquisas e estudiosos que vão além do mero achismo. (MARIA, Grupo Focal realizado no dia 06/03/2013)

Muitos participantes do Grupo Focal alegaram terem se informado ou serem incitados a pensar sobre assuntos atuais através do Facebook, porém, muitos também confessaram que já tinham opiniões formadas sobre alguns temas e apenas ponderaram sobre eles a partir da Rede. Isso indica que as informações obtidas fora do Facebook, os recebidos na escola, por exemplo, sofreram negociações de sentidos com as atividades mantidas na internet. Por todos esses aspectos, confirma a fala de André:

Eu sou a favor das cotas... Eu fui um que fiz parte dessas conversas de cotas para negros nas universidades, professora. É que eu já tinha opinião formada sobre isso, só que eu ia lá e, tipo, debatia, ficava tentando mostrar meu lado e vendo o dos outros. (Grupo Focal realizado no dia 06/03/2013)

Em diálogo específico sobre a legalização, descriminalização e discriminação do aborto, por exemplo, 15 alunos afirmaram se atentar para o conceito de “anencéfalos” no momento do debate da legalização do aborto nesses casos<sup>11</sup>, afirmaram que nem sabiam o que isso significava. 10 alunos disseram ter acompanhado o debate pela mídia e 20 alunos disseram que acompanharam a discussão pelo Facebook. Há, portanto, condições de se afirmar que esta Rede Social colabora para a comunicação de matérias ligadas à Sociologia e concretiza a negociação de sentidos dos/as estudantes sobre a disciplina.

Quando eu vi aquela entrevista do Silas Malafaia para a Marília Gabriela eu lembrei que a gente tinha estudado aquele negócio do que é “inato e adquirido”. Aí eles estavam falando se o “homossexualismo” é genético, não sei o que... E eu vi, direitinho, a aula de Sociologia. Porque, assim, o erro é a gente ficar confundindo os conceitos. Como é mesmo? Ah, é! Gênero, sexo e sexualidade! (MARIA, Grupo Focal realizado no dia 06/03/2013)

---

<sup>11</sup> Em 2012 o STF aprovou a Lei que legaliza a interrupção da gravidez de fetos anencéfalos.

Ainda sobre a apreensão de conhecimento por meio do Facebook, muitos integrantes do Grupo Focal disseram não ter modificado opinião ou terem sido convencidos por argumentos observados no Facebook. Por outro lado, afirmaram que tiveram informações acrescentadas sobre muitos assuntos vistos na disciplina de Sociologia. Isso demonstra que mesmo condicionando informações novas e propondo reflexão ao que se aprendeu na escola, o Facebook não é capaz de funcionar sozinho como ferramenta de aprendizado, ele é um recurso de estímulo de construção dos saberes obtidos na sala de aula e uma forma de apreensão avaliativa desses saberes. Os conteúdos são expostos de forma superficial nas atividades desta Rede Social, fornecendo conhecimento sobre eles sem aprofundamento dos mesmos.

Tem muita coisa na internet que fala de racismo, preconceito, essas coisas, só que a maioria compartilha mais imagens sobre moda ou sobre modelos negras. Não tem “aqueelas” coisas de explicar o racismo. (SOFIA, Grupo Focal realizado no dia 06/03/2013)

Esses comentários, postagens sobre esse tema nem acrescentaram nem tiraram nada do que eu vejo dos homossexuais... (SOFIA, Grupo Focal realizado no dia 06/03/2013)

Mas essas modas, professora, do racismo ou homossexualidade não consegue transformar a nossa opinião. Não muda um adolescente do dia para noite. Eu acho que tem os anos de vida também que pesa... A vida é mais profunda que uma discussão rápida. (PAULO, Grupo Focal realizado no dia 06/03/2013)

Essa averiguação acompanha a impossibilidade de se garantir que as informações veiculadas pelas Redes Sociais dos alunos e alunas satisfaçam completamente às lógicas e interpretações das Ciências Sociais. Embora se verifique a presença dos conteúdos da Sociologia no Facebook e a contribuição desse espaço para as manifestações dos sentidos de alunos e alunas, a forma em que são colocados esses assuntos é que pode ser afastada ou aproximada do que a ciência, de fato, ajuda a perceber nas relações sociais. Há constatações de assimilação do aprendizado, como há também distorção sobre o ensino obtido na escola. Não obstante, é relevante que, ainda distorcendo os conhecimentos das Ciências Sociais, os/as estudantes podem criticar conteúdos do Facebook que fogem aos ensinamentos da Sociologia, como apurado nas falas expostas acima.

Essas constatações não ferem a comprovação de que, de alguma forma, há conexão entre os saberes transmitidos e construídos na sala de aula com as práticas cotidianas dos alunos e alunas em suas Redes Sociais, já que a essência da Educação é, justamente, abranger os

processos formativos que se desenvolvem em todos os níveis da experiência humana, independente das suas “qualidades”.

Tipo professora, essas coisas sobre a sexualidade, por exemplo, são muito marcantes. Porque quando a pessoa vê, sei lá, alguma coisa assim “use camisinha”, ou sobre DST’s, ela pode até não dar tanta atenção à mensagem, mas a mensagem tá lá. E a repetição daquela mensagem faz a gente pensar. (JUNIOR, Grupo Focal realizado no dia 06/03/2013)

No entanto, apesar de haver vínculo entre as manifestações discursivas dos/as jovens no Facebook com as matérias trabalhadas na escola, há de se convir a necessidade do cuidado com a maneira com que estes conteúdos são propagados nas Redes Sociais. Com os resultados obtidos no Grupo Focal, torna-se conveniente considerar que as Redes Sociais virtuais são um conjunto de vínculos predominantemente “fracos” e, portanto, as atividades que elas promovem são justamente aquelas em “que os vínculos fracos fomentam, como rumores, boatos, mexericos, busca de pessoas e a trilha dos efêmeros movimentos da cultura popular e das modas passageiras” (ROSEN, 2007, p. 20). O aproveitamento pedagógico das vivências da juventude nesta Rede irá depender do tratamento das informações impetradas ali. Há comprovação da negociação de sentidos dos conteúdos da Sociologia nas Redes Sociais dos/as estudantes, todavia, é fundamental que a Escola trabalhe os discursos relacionados a esses conteúdos no Facebook.

Tem também aquelas páginas, perfis, no Face que fazem apologia ao sexo, mulher pelada... Tem muita coisa de discriminação, igual aquela... Como é mesmo o nome? É, “Orgulho de ser Hetero”. (RAFAEL, Grupo Focal realizado no dia 06/03/2013)

Às vezes, os posts sobre esses assunto aí ridicularizam ou banalizam o assunto... (JOÃO, Grupo Focal realizado no dia 06/03/2013)

Eu não concordo muito com o Face, porque, muitas vezes, as pessoas dão informações equivocadas. Eu seguia uma página lá. Chamava “Humor Negro”. Achava massa, fazia piada, tinha os Memes... Aí eu fui ver que aquelas coisas tinha, assim, muito teor racista, preconceituoso. Só que eu não parava para pensar. Eu curtia, compartilhava aquilo. (MIGUEL, Grupo Focal realizado no dia 06/03/2013)

Confirma-se, aliás, que a Rede Social de cada indivíduo no Facebook é parte indissociável da sociedade em que ele/ela está inserido, como já apontado teoricamente neste trabalho. O que se verificou foi a aglutinação entre a “realidade virtual” e a “virtualidade real” dos/as estudantes. Observou-se que estes/as integraram as tecnologias nas suas vidas, articulando as formas tecnológicas com sua “Condição Juvenil”, sua cultura e seus valores. Portanto, bem como os assuntos abordados nas Redes Sociais são os assuntos em pauta na sociedade, a

abordagem destes assuntos no Facebook são as mesmas reportadas à sociedade. Inclusive, a conveniência política, a “alienação”, as disputas ideológicas, as lutas de classes, a estratificação social, dentre outras coisas, são todos reproduzidos na internet. Os próprios participantes do Grupo afirmaram essa constatação provando, mais uma vez, a bagagem absorvida nas aulas de Sociologia:

Eu vejo que têm coisas que ficam discursando sobre a “Violência Doméstica”. Aí tem lá umas coisas, tipo assim “homem que é homem não bate em mulher”... Tem até uma campanha de artistas sobre esse negócio. Mas eu não concordo com o Facebook não colocar o assunto de forma clara. Não adianta nada! As notícias de mulher que é assassinada pelo marido, o ex, enfim... Não tem! Eu acho hipocrisia ou pode ser um pouco de vazão da sociedade mesmo que não se informa direito. (MAURÍCIO, Grupo Focal realizado no dia 06/03/2013)

Mesmo as Redes Sociais sendo definidas pelas ligações horizontais entre os sujeitos, sem hierarquia pré-definida entre os papéis e funções sociais, “a estrutura social de uma sociedade em rede resulta da interação entre o paradigma da nova tecnologia e a organização social num plano geral” (CASTELLS, 2005, p. 17). Com isto, se o indivíduo faz parte de uma sociedade machista, conferirá o machismo presente em suas Redes Sociais; se fizer parte de uma sociedade racista, notará o racismo em suas Redes Sociais; se fizer parte de uma sociedade cristã, observará o cristianismo em suas Redes Sociais... E assim por diante. Mas para sucesso desta pesquisa, os participantes analisados conseguem criticar as manifestações nas Redes e conectar o aprendizado em Sociologia, separando as informações desvirtuadas da realidade daquelas mais ligadas ao que às Ciências Sociais propõem.

Que nem eu, eu sigo a página da “Marcha das Vadias” (...) Então, eu não vejo post sobre o machismo fora do que elas colocam no face, eu vejo pouca movimentação na rede, por exemplo, sobre a violência doméstica. Mas, direto, o povo posta coisas banais, como o caso do espancamento de um cachorro. Eu acho que isso é representativo da desvalorização da mulher e da máscara que a sociedade coloca sobre o assunto. (LUANA, Grupo Focal realizado no dia 06/03/2013)

Não, eu ia falar que eu acho a imagem da mulher muito... Eu não sei se eu sou muito certinha, mas eu vejo que tem muito de deturpar a mulher nas Redes Sociais. A sociedade é muito machista... Também a mulher parece que tem, cada vez mais, liberdade de se expor. Essas páginas, tipo, “Orgulho de ser Hetero” é do patriarcado, é fruto também disso. Os post’s, as coisas que falam... Tem diferenças de tratamento entre as mulheres e homens. (...) Eu não vejo explicação para isso a não ser o machismo da sociedade mesmo. Sabe, eu sou mulher, eu tenho meu jeito de pensar nesses assuntos de sexo, gente pelada. Mas, talvez, eu sou assim porque eu preciso. Não sei... A

moral que as mulheres carregam por precisar ter medo. Aí tem que ter cuidado com os homens. É ruim ser julgada. Mas eu me valorizo, só que tem deturpações no Facebook, nas Redes Sociais. (SIMONE, Grupo Focal realizado no dia 06/03/2013)

As Redes Sociais da internet consentem a transparência e a tensão das Redes Sociais reais, vê-se nelas a permanência das tensões e contradições sociais fundadas no espaço off-line (RECUERO, 2009), apesar de não haver nelas relações diretas de poder. De todo modo, a inexistência de divisão de poderes nas Redes Sociais configura uma enorme mudança na sociabilidade, que é uma mudança suportada pela lógica própria das redes de comunicação. Uma característica central da sociedade em rede é a transformação da área da comunicação (CASTELLS, 2005) e a liberdade na transmissão das informações. O Facebook é um dos instrumentos de comunicação pública e livre, constituído pela explosão de redes horizontais de comunicação local/global. Assim, as Redes Sociais têm sido uma alternativa ao sistema oligopolista de negócios da “mídia” os quais controlam os recortes das notícias e impõem os sentidos da comunicação.

Eu achei muito interessante a dinâmica para a gente pensar sobre o que todo mundo colocou. É que nem o Face... Para mim, todo mundo tem que ter acesso ao que acontece. É importante comparar opinião e ter ideias novas. Quando a gente não debate pode deixar a pessoa fechada em seu mundo e alimentando conhecimentos errôneos sobre tudo. (LUANA, Grupo Focal realizado no dia 06/03/2013)

Essa vantagem das Redes Sociais é conveniente, inclusive, aos propósitos da Sociologia no Ensino Médio. Lembrando o desígnio desta disciplina no currículo da Educação Básica, é de se esperar que as Ciências Sociais defendam a liberdade dos indivíduos através de uma preparação educativa suscetível às escolhas com fundamento racional, criando personalidades mais aptas às ações políticas e sensíveis ao combate às contradições e estratificações sociais (FERNANDES, 1955). Em vista dos argumentos apresentados, um estudante recomendou, ao final da realização do Grupo Focal, que se poderia ter como tema para essa técnica a “Política”. Disse ter participado de inúmeros debates sobre o assunto no Facebook e confessou a relação do tema com as matérias da Sociologia, confirmando mais uma vez a negociação de significados da disciplina nas Redes Sociais.

Oh, professora, por que a senhora não discute “Política” quando for fazer essa dinâmica de novo? Eu acho que é o que mais chama a nossa atenção no Facebook... E também ajuda a gente, porque agora a gente vai votar, trabalhar e, assim, direto a gente vê essas coisas na escola, lá na aula de Sociologia. Eu acho que tem tudo a ver... (PEDRO, Grupo Focal realizado no dia 06/03/2013)

O rompimento com os paradigmas no Facebook auxilia, igualmente, ao embate à hierarquia descrita por Bourdieu (ORTIS, 1983) entre os *campus* escolar e acadêmico-científico, de modo que os conteúdos nesta Rede não são selecionados de acordo com a categorização do campo das Ciências longe do campo da Educação.

E no que tange à ineficiência da efetividade da Sociologia na Escola, apontada principalmente por Prado (2012), a autonomia do pensamento crítico e a participação nas discussões controversas mais atuais da sociedade, observadas no Facebook, colaboram para a preparação básica da cidadania, da racionalização e da sensibilidade de tratamento das questões econômicas, culturais, políticas e sociais do Brasil. Se na Escola permanece a inoperância completa da constituição do sujeito social e humano, no Facebook a realidade exposta nas Redes Sociais dos alunos e alunas os ajuda a se integrarem aos debates urgentes e essenciais para a concretização das relações sociais verdadeiras e transparentes.

Rachel, o legal do Facebook é que tem sempre os dois lados. Cara, o aborto mesmo, sempre tem posts e debates sobre aborto, tanto de gente que é a favor como contra. (LUANA, Grupo Focal realizado no dia 06/03/2013)

A barreira do método decoreba, do conteúdo das matérias, da coletânea regrada de teorias e nomes importantes e do adestramento restrito à aprovação nos exames de acesso às universidades, não existem nas relações estabelecidas nas Redes virtuais e reais. Os conteúdos das atividades do Facebook, embora não promovam reflexão sociológica profunda e questionamentos sistematizados, expõem aos/às estudantes a realidade e as demandas de nossa formação histórica e social, das nossas desigualdades de classe, raça, gênero etc. Ora, estes temas, como apurado, estão ligados ao processo constante de vivência, às experiências habituais da sociedade em que os/a estudantes brasileiros se encontram.

Há de se convir que, talvez, a negação de alguns componentes do Grupo Focal quanto à falta de negociação de sentidos dos assuntos da Sociologia com as postagens, grupos, comentários no Facebook, talvez, seja reflexo da inexistência de correspondência do tratamento dado pela escola aos conteúdos de Sociologia, e não pela falta de ocorrência deles no Facebook. Isto porque já se foi examinado que estes assuntos da Sociologia estão, sim, permeando várias atividades das Redes da juventude.

Os termos, conceitos e pressupostos da Sociologia verificados através da “análise de conteúdo” das manifestações discursivas dos participantes do Grupo Focal se centraram mais nas posturas de construção de significados de uma ordem societária mais igualitária e democrática quanto à universalização da cidadania e dos direitos sociais. Logo, as falas dos/as

estudantes foram condizentes com os parâmetros da Sociologia, como comprovado nas análises feitas acima e no registro das falas dos/as jovens. Avistou-se nos debates do Grupo Focal que os alunos e alunas têm conseguido consolidar seus “sistema de significados” sociológicos e construir suas negociações de sentidos através do Facebook. Mesmo que superficialmente ou misturadas ao senso comum, a Sociologia se fez presente nas atividades destes/as estudantes em sua Rede Social no Facebook. Isso demonstra que o Facebook pode funcionar tanto como uma ferramenta de estímulo ao aprendizado com uma possível ferramenta de avaliação do aprendizado dos alunos a alunas.

## À GUIA DE CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Este estudo partiu de pesquisas bibliográficas e uma pesquisa empírica cuja abordagem e objeto pretenderam problematizar a influência da Educação formal na construção dos discursos negociados por jovens em suas práticas sociais no Facebook. Ao investigar o material discursivo referente à disciplina de Sociologia no Ensino Médio, produzido pelos alunos e alunas em suas interações nas Redes, percebeu-se a possibilidade de se obter ferramentas de pesquisa para compreender a transposição de conteúdos formais curriculares nas representações discursivas e negociações de sentidos dos/as estudantes em suas interações cotidianas nas Redes Sociais. Esta pesquisa buscou evidenciar que a aprendizagem pode ser observada em suas manifestações discursivas nas Redes Sociais, notadamente, no Facebook.

Foram encontradas categorias de análise que evidenciaram a influência do discurso sociológico na negociação de sentidos dos discursos cotidianos que alunos e alunas produziram na técnica de Grupo Focal. A partir da ocorrência de termos, conceitos e pressupostos da Sociologia, nos relatos registrados na coleta dos dados, comunicam-se os achados:

- **Ocorrência de Termos da Sociologia.**

Verificou-se a estrutura e a dinâmica da formação da consciência, da opinião e do pensamento crítico não, exatamente, no uso correto dos termos, conquanto eles tenham existido em algumas manifestações discursivas dos alunos e alunas, mas no esforço de aplicação deles. Assim foi observado em relação aos adjetivos referentes ao gênero, sexo, sexualidade, à etnia, à raça. Falou-se de legalização ou discriminação do aborto, de estereótipos, de “achismos”, deturpações, imagens sociais, diferenças e igualdade, de direitos de homens e mulheres, do casamento entre homossexuais, da violência contra as mulheres, do que é inato e adquirido pelos seres humanos, adaptação, liberdade de expressão, pensamento crítico, acomodação, conformismo, consciência, comportamento, interesses, opinião, dentre outros termos. Viu-se, sobretudo, a capacidade de perceber os temas que são ou não pertencentes à Sociologia e os termos ligados a eles.



- **Ocorrência de Conceitos da Sociologia.**

Nos empenhos em exibirem suas negociações de sentido sobre a Sociologia nas práticas habituais do Facebook, os/as estudantes se aproveitaram de conceitos sociológicos como Patriarcalismo, Machismo, Moral, Alienação, Preconceito, Discriminação, Racismo, Gênero, Sexo, Sexualidade, Representação Social, Reprodução Social, Movimentos Sociais, Grupos Sociais, Crenças, Valores, Cultura, Sociedade, Classes Sociais, Democracia, Educação, Igreja, Religião, Família, Ordem Social, Status, Homofobia, além de outros.

Não foi possível constatar o uso direto das teorias sociológicas e a apresentação minuciosa dos conceitos, porém, conferiu-se na “análise de conteúdo” dos debates que os/as estudantes conseguem negociar os sentidos no Facebook e se dispor a aplicar diversos conceitos da Sociologia nas suas interações. Não estão capacitados a explicar cada conceito, todavia, há referências aos conteúdos formais trabalhados durante sua permanência no Ensino Médio e a presença do desenvolvimento no aprendizado. Neste sentido, mesmo havendo o comparecimento equivocado de alguns conceitos, como no caso do uso de “Homossexualismo” ao invés de “Homossexualidade”, relevaram-se os esforços de compreensão abrangente dessas categorias.

Compreendeu-se que, não cabendo a exigência de domínio da Sociologia por parte dos/as jovens analisados, a sua negociação de sentidos dos conteúdos da Sociologia com as atividades do Facebook é condizente aos objetivos da disciplina no Ensino Médio e a forma de apropriação e construção da juventude.

- **Ocorrência de Pressupostos da Sociologia.**

A ocorrência de pressupostos da Sociologia foi frequente em toda a duração do Grupo Focal. O “sistema de significados” dos alunos e alunas demonstrou o emprego de signos partilhados na construção de saberes da sala de aula, das experiências e do contato com a Sociologia. Notou-se que a concepção do mundo e de si mesmos tem se formado com a colaboração do aprendizado em Sociologia. Em convivência com essa conclusão, a preocupação com a cidadania, com o olhar atento às relações sociais, às características da Sociedade na qual estão

inseridos, à importância da valorização das diferenças e da luta pela igualdade, à criticidade etc. foi visível nos discursos dos alunos e alunas.

Apesar de se ter averiguado apreensões contrárias às intenções da implantação da disciplina de Sociologia no Ensino Médio, como nos casos de críticas infundadas ao aborto ou aos comportamentos sexuais e de gênero, a maioria das manifestações discursivas reiteraram o aprendizado iniciado na escola.

Os pressupostos sociológicos, além disso, salientaram a atenção dos/as jovens voltada, principalmente, para discussões cuja atualidade ou aproximação com a realidade e o estágio de vida dos alunos e alunas os/as fizeram se apropriar deles. Entendeu-se, aliás, que é essa a característica das atividades nas Redes Sociais destes jovens as quais se relacionam proporcionam as negociações de sentidos referentes aos conteúdos de Sociologia.

- **Em linhas Gerais, os Resultados.**

Os achados desta pesquisa sugerem que a metodologia de investigação utilizada no estudo seria útil para evidenciar a ocorrência de aprendizagem de conteúdos formais nas Redes Sociais, servindo para um enfoque de avaliação de aprendizagem consistente e efetivo. Além disso, este trabalho propõe se aceitar as Redes Sociais também como estímulo ao aprendizado, considerando que a juventude se depara com discussões relacionadas aos conteúdos escolares e é incitada a refletir ou negociar saberes sobre eles. Estas são, a propósito, as contribuições verificadas nos resultados desta investigação.

Cabe propor para estudos posteriores a influência contrária do Facebook nas negociações de sentidos em sala de aula. Ou melhor, uma pesquisa que verificasse como o Facebook, seus conteúdos, as suas atividades têm afetado a construção de saberes de estudantes dentro da escola seria uma continuação possível a esta pesquisa e um complemento às conclusões conseguidas tanto na discussão teórica quanto na “análise de conteúdo” realizada com as manifestações discursivas do Grupo Focal.

Perante todos os debates e ponderações concretizadas neste trabalho firma-se, por fim, a importância de se aprofundar a compreensão da relação entre conteúdos formais e as Redes Sociais como dimensões da constituição de discursos e da formação de sujeitos de discursos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALARCÃO I, org. **Escola reflexiva e nova racionalidade**. Porto Alegre (RS): Artes Médicas; 2001.
- AGUIAR, S. **Redes sociais na internet: desafios à pesquisa**. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Santos (SP): Intercon, 2007. Disponível em: [http://www.sitedaescola.com/downloads/portal\\_aluno/Maio/Redes%20sociais%20na%20internet-%20desafios%20E0%20pesquisa.pdf](http://www.sitedaescola.com/downloads/portal_aluno/Maio/Redes%20sociais%20na%20internet-%20desafios%20E0%20pesquisa.pdf). Acessado em fevereiro de 2013.
- ANDRADE, M. M. de. Técnicas para elaboração de trabalhos de graduação. In: \_\_\_\_\_. **Introdução à Metodologia do trabalho científico**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1997.
- AUGÉ, M. **Não lugares, uma introdução a antropologia da supermodernidade**. Campinas, Papirus, 1998.
- FACEBOOK. **Facebook Informations**. Disponível em: <https://www.facebook.com/facebook#!/facebook/info> Acessado em abril de 2013.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Básica. **Resolução nº 4, de 16 de agosto de 2006**.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Básica. **Resolução nº 1, de 15 de maio de 2009**.
- \_\_\_\_\_. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE**, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2011.
- BAUMAN, Z. **Ética pós-moderna**. São Paulo: Paulus, 1997.
- CASTELLS, M. (Org). **A Sociedade em Rede: Do Conhecimento à Ação Política**. Lisboa, 2005. Disponível em: <http://arnic.info/publications.php#books>. Acessado em março de 2013.
- CEMI – Centro de Ensino Médio Integrado à Educação Profissional. **Projeto Político Pedagógico**, 2012.
- COSTA, D. V. de A. **Florestan Fernandes e o ensino da sociologia na Escola Média brasileira**. Inter-legere (UFRN), v. 9, p. 40-60, 2011.
- CURY, C. R. J. **A Educação Básica no Brasil**. **Educação & Sociedade**, set. 2002, v. 23, n.80, p.168-200.
- DAMIANI, M. F. **Entendendo o trabalho colaborativo em educação e revelando seus benefícios**. Educar em Revista. Curitiba: Ed. UFPR, n. 31, p. 213-230, 2008.
- DAYRELL, J. **A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil**. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 28, n. 100 – Especial, p. 1105-1128, out. 2007.
- DUBET, F. **El declive de la institución: profesiones, sujetos e individuos en la modernidad**. Barcelona: Gedisa, 2006.

- FARAGO C. C. & FOFONCA E. **A Análise de Conteúdo na Perspectiva de Bardin: Do Rigor Metodológico à Descoberta de um Caminho de Significações**. Disponível em: [www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao18/artigos/007.pdf](http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao18/artigos/007.pdf). Acessado em maio de 2013.
- FERNANDES, F. **A etnologia e a sociologia no Brasil, ensaios sobre aspectos da formação e do desenvolvimento das ciências sociais na sociedade brasileira**. São Paulo, Anhambi, 1955.
- FOLHA DE SÃO PAULO. "Facebook mostra o raio-x de 1 bilhão de usuários", *Folha de São Paulo*, 04 de outubro de 2012.
- FREITAS, M. T. de A. **Nos textos de Bakhtin e Vygotsky: um encontro possível**. In: BRAIT, B. **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. Campinas: Editora Unicamp, 1997.
- GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.
- GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.
- GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. Currículo Educação Básica Ensino Médio. Disponível em: [http://www.se.df.gov.br/wpcontent/uploads/pdf\\_se/links\\_paginas/cur\\_ed\\_basica/curriculo\\_medio.pdf](http://www.se.df.gov.br/wpcontent/uploads/pdf_se/links_paginas/cur_ed_basica/curriculo_medio.pdf). Acessado em fevereiro de 2013.
- KERLINGER, F. **Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais: um Tratamento Conceptual**. São Paulo: E. P. V., 1980.
- KRAMER, S. **A infância e sua singularidade**. In: BEAUCHAMP, J; PAGEL, S. D.; NASCIMENTO, A. R. do (Orgs.). **Ensino Fundamental de 9 anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. p.13-23.
- LAVE, J.; WENGER, E. **Situated learning: legitimate peripheral participation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991. In: DAMIANI, M. F. **Entendendo o trabalho colaborativo em educação e revelando seus benefícios**. Educar em Revista. Curitiba: Ed. UFPR, n. 31, p. 213-230, 2008.
- LIMA, E. S. **Indagações sobre currículo: Currículo e desenvolvimento humano**. Organização do documento Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008, p. 17-23.
- MACHADO, C. de S. **O Ensino da Sociologia na escola secundária brasileira: levantamento preliminar**. *Revista da Faculdade de Educação*. São Paulo. Vol. 13, n.º 1, p.115-142. 1987.
- MAHONEY, A. A. **A constituição da pessoa: desenvolvimento e aprendizagem**. In: MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. de (Orgs.). **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2004. v. 1. p. 13-24.
- MEC. **Filosofia e Sociologia no Ensino Médio**. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?id=12143&option=com\\_content&task=view](http://portal.mec.gov.br/index.php?id=12143&option=com_content&task=view). Acessado em março de 2013.
- NARODOWSKI, M. **Infância e poder. A conformação da pedagogia moderna**. Bragança Paulista: Universidade de São Francisco, 2001.
- ORTIZ, R. (Org.). **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p. 122-155.
- PAIS, J.M. **Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro**. Lisboa: Âmbar, 2003.

- PATRÍCIO R. & GONÇALVES, V. **Facebook: rede social educativa?** Trabalho apresentado em I Encontro Internacional TIC e Educação. Disponível em: [bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/3584/1/118](http://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/3584/1/118). Pdf. Acessado em janeiro de 2013.
- PEREZ-GOMES A.I. **A cultura escolar na sociedade neoliberal.** Porto Alegre: Artmed, 2001.
- PETTENATI, M. C. & RANIERI, M. **Informal learning theories and tools to support knowledge management in distributed CoPs.** IN **Innovative Approaches for Learning and Knowledge Sharing, EC-TEL. Workshop Proceeding, 2006.**
- PIMENTA, S. G. **Questões sobre a organização do trabalho na escola.** Ideias, São Paulo, v.16, p. 78-83, 1993.
- RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet: Considerações iniciais** - Artigo publicado na revista E-Compós, edição 2, em 2005/1. O trabalho também foi apresentado no GT de Tecnologias da Comunicação e da Informação da XXVII Intercom, em setembro de 2004, em Porto Alegre/RS.
- RECUERO, R. **Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet.** Revista da Famecos, Vol. 1, No 38, 2009.
- ROSEN, C. **Virtual friendship and the new narcissism.** Washington, D.C.: New Atlantis, Summer, 2007. Disponível em: <http://www.thenewatlantis.com/archive/17/TNA17-Rosenn.pdf>. Acessado em março de 2013.
- SAVIANI, D. **O Plano de Desenvolvimento da Educação: Análise do projeto do MEC.** **Educação & Sociedade**, Campinas: CEDES, v. 28, n. 100 - Especial, p. 1231-1255, out. 2007.
- SAYÃO, R. **O ranking que não ajuda.** **Blog da Rosely Sayão.** São Paulo, 23 de abril de 2009. Disponível em [http://blogdaroselysayao.blog.uol.com.br/arch2009-04-16\\_2009-04-30.html](http://blogdaroselysayao.blog.uol.com.br/arch2009-04-16_2009-04-30.html). Acessado em novembro de 2012.
- SOBRINHO, A. F. **O aluno não é mais aquele! E agora professor? A transfiguração histórica dos sujeitos da educação.** ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais, Belo Horizonte, novembro de 2010.
- SOCIALBAKERS. **Fastest growing countries on Facebook in 2012.** Disponível em: <<http://www.socialbakers.com/blog/1290-10-fastest-growing-countries-on-facebook-in-2012>> Acessado em abril de 2013.
- THE COMMUNITY TOOLBOX. **Conducting Focus Groups.** Disponível em: [http://ctb.ku.edu/tools/en/section\\_1018.htm](http://ctb.ku.edu/tools/en/section_1018.htm). Acesso em abril de 2013.
- WHITAKER, F. **Rede, uma estrutura alternativa de organização.** Revista Mutações Sociais, v.2, n.3, p.1-7, mar./mai. 1993. Disponível em: [http://www.rits.org.br/redes/rd\\_estrutalternativa.cfm](http://www.rits.org.br/redes/rd_estrutalternativa.cfm). Acessado em fevereiro de 2013.

**APÊNDICE****UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB**

FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE

**Centro de Formação Continuada de professores - CFORM**

Escola de gestores da Educação Básica

Curso de Pós-Graduação Latu-sensu em Coordenação Pedagógica – EAD

Instrumento de coleta de dados para pesquisa de monografia de conclusão de curso.

Nome da mediadora: Rachel Lenir Otoni Sampaio

Data da entrevista: 06 de março de 2013.

Local da entrevista: CEMI

Horário da entrevista: 11:00

Público alvo: Alunos e alunas do 3º ano do Ensino Médio do Centro de Ensino Médio Integrado do Gama.

Técnica: Grupo Focal

Objetivos: Compreender como alunos e alunas do Ensino Médio relacionam alguns conteúdos específicos da disciplina de Sociologia com informações veiculadas pela rede social na qual ele participa no Facebook.

Temas: Redes Sociais; Facebook; Sociologia; Raça e Etnia; Gênero e Sexualidade; Estratificação Social.

Recursos: 1 gravador, 1 câmera de vídeo, 1 assistente de anotações.

**Etapas**➤ **Introdução:**

Apresentar a visão geral e os objetivos da discussão.

Construção do entendimento:

(aproximadamente 10 minutos)

➤ Para iniciar a discussão e a relação entre o grupo fazer perguntas simples e gerais aos participantes.

1. Quantos de vocês têm Facebook?
2. Qual a frequência de acesso diário de vocês?
3. Quem já conseguiu assimilar algum conteúdo da disciplina de Sociologia com algum post, assunto ou discussão presente na rede social em que fazem parte no Facebook?

➤ Discussão aprofundada:

(50 – 80 minutos)

Fazer perguntas relacionadas ao objetivo principal do grupo focal, que incentive a discussão, que revele os pensamentos e opiniões dos participantes.

1. Quanto ao tema “Raça e Etnia”, vocês já participaram ou acompanharam debates, compartilharam ou curtiram posts, fizeram comentários ou já refletiram sobre o assunto através de algum conteúdo observado no face?
  - Que tipo de informações sobre esse tema foi transmitido pelo Facebook? Se possível, descreva-os.
  - O que acharam dessas discussões, posts ou comentários?
  - Vocês conseguiram relacioná-los aos temas e informações trabalhadas na escola?
  - Ainda sobre esse tema, o Facebook os ajudou, atrapalhou ou foi indiferente no seu aprendizado dentro da disciplina de Sociologia?
  - Vocês já utilizaram conteúdos ou informações vinculadas no Facebook para fazer atividades, trabalhos, avaliações ou debates na disciplina de Sociologia?
2. Quanto ao tema “Gênero e Sexualidade”, vocês já participaram ou acompanharam debates, compartilharam ou curtiram posts, fizeram comentário ou já refletiram sobre o assunto através de algum conteúdo observado no Facebook?
  - Que tipo de informações sobre esse tema foi transmitido pelo Facebook? Se

possível, descreva-os.

- O que acharam dessas discussões, posts ou comentários?
- Vocês conseguiram relacioná-los aos temas e informações trabalhadas na escola?
- Ainda sobre esse tema, o Facebook os ajudou, atrapalhou ou foi indiferente no seu aprendizado dentro da disciplina de Sociologia?
- Vocês já utilizaram conteúdos ou informações vinculadas no Facebook para fazer atividades, trabalhos, avaliações ou debates na disciplina de Sociologia?

3. Quanto ao tema “Estratificação Social”, vocês já participaram ou acompanharam debates, compartilharam ou curtiram posts, fizeram comentários ou já refletiram sobre o assunto através de algum conteúdo observado no Facebook?

- Que tipo de informações sobre esse tema foi transmitido pelo Facebook? Se possível, descreva-os.
- O que acharam dessas discussões, posts ou comentários?
- Vocês conseguiram relacioná-los às informações trabalhadas na escola?
- Ainda sobre esse tema, o Facebook os ajudou, atrapalhou ou foi indiferente no seu aprendizado dentro da disciplina de Sociologia?
- Vocês já utilizaram conteúdos ou informações vinculadas no Facebook para fazer atividades, trabalhos, avaliações ou debates na disciplina de Sociologia?

➤ Conclusão:

(aproximadamente 20 minutos)

Resumir a informação ou conclusões discutidas e solicitar aos participantes que esclarecem ou que confirmem a informação. Responder a qualquer pergunta, agradecer aos participantes e pedir a avaliação do grupo sobre a atividade.